

OS ELEITOS DA MORTE

BARBARA BIALLEY

Capítulo 1

Partida Precipitada

A chuva caía torrencialmente. Os faróis do carro iluminavam a espessa cortina de água que o céu despejava sobre toda aquela região. Ao volante, Dieter Katz esticava o pescoço seguidamente, para ver melhor o terreno à sua frente. Os limpadores de pára-brisa moviam-se com ritmo e os relâmpagos pareciam conjugados à esse ritmo, e varriam as trevas. Em seguida o trovão soava pelas encostas das montanhas próximas.

Os olhos do motorista viram, de repente, a pequena ponte de madeira que passava sobre o riacho, situado entre margens um pouco elevadas e rochosas. Katz soltou um suspiro de alívio ao verificar que estava no caminho certo.

— Ainda bem — murmurou, entrando na estreita ponte.

Um relâmpago brilhou naquele momento. Katz olhou para as águas velozes do rio e estremeceu ao pensar que podia ser arrastado pela impetuosa corrente.

Em circunstâncias normais, o Schwarzbach era um arroio lírico e tranquilo, mas seu nível aumentara cerca de dois metros por causa do temporal.

Katz imaginou que não se salvaria se caísse no rio.

Um minuto mais tarde, os faróis do carro iluminaram um prédio e o motorista esboçou um sorriso. O prédio parecia um castelo, desvirtuado, contudo, pela ausência de torres e ameias, e sobretudo pela ala esquerda, que parecia ter sido construída em um tempo em que as edificações militares não eram mais necessárias. Além disso, diante da porta principal havia uma grande marquise, sustentada por colunas e arcos, de desastroso efeito arquitetônico.



Katz colocou o carro ao lado do outro, sob a marquise. Respirou fundo, quando a queda da água sobre o teto do veículo, cessou.

Aporta abriu-se, de repente, e um homem surgiu no umbral. Era alto, magro, de olhos vivos e nariz aquilino. Katz teve a impressão que ele já o aguardava atrás da porta.

— Bem-vindo a Margopalast — disse.

— Olá, sou Dieter Katz — cumprimentou o recém-chegado.

— Kasimir Luttel - apresentou-se o outro. — Trouxe sua bagagem, Sr. Katz?

— Claro, se quiser posso carregá-la para dentro.

— Mais tarde, escute, quero mostra-lhe o quanto antes este maldito castelo. Quero ir embora logo, entende?

— Tem seus motivos, suponho.

— Simplesmente estou farto de viver perto de uma múmia.

— O que disse?

— O que ouviu — replicou Luttel. — Venha, eu lhe mostrarei o local. Minha bagagem está pronta e sairei daqui, assim que o senhor se instalar em Margopalast, como o seu novo conversador.

O recém-chegado encolheu os ombros. Atravessaram várias salas, mobiliadas com luxo, mas com uma decoração fora dos padrões modernos. Não havia nada de grande valor artístico. Os quadros eram comuns, notava Katz, apesar da beleza dos motivos.

— Fogger fica a doze quilômetros. Passou por lá, não? — Perguntou Luttel.

— Sim, mas não parei — respondeu Katz. — A carta que me dava o emprego de conservador falava em urgência.

— Fui eu que falei em urgência... — disse o homem. — Estou louco para dar o fora daqui.

— Você falou em múmia...

— Sim, o da Condessa Margo Von Djaronyi. Era uma velha com mais de oitenta anos e ajeitou o rosto para ficar parecendo uma jovem. Tinha dinheiro de sobra.

— Há gosto e capricho para tudo, quando se tem muito dinheiro.

— E no testamento ela dizia que queria o seu corpo mumificado, porque acreditava na teoria que, assim, poderia ressuscitar um dia, jovem e bela como na sua juventude.

— Devia estar louca.

— Não a conheci — Luttel deu de ombros. — Foi o antigo conservador da propriedade quem me contou. Ele a conheceu, porém, morreu pouco depois de ter

abandonado o emprego aqui. Entraram numa sala com lareira acesa, dando ao ambiente uma iluminação avermelhada.

—A Sra. Ramcke talvez não venha amanhã por causa do mau tempo — disse Luttel.
— É ela quem cuida da limpeza geral.

Katz não estava prestando atenção no que o homem falava, estava ocupado em observar um dos quadros.

Representava uma bonita mulher, vestida com traje de festa, que deixava a descoberto os ombros brancos como mármore. O traje vermelho contrastava com os cabelos negros e a pele clara.

—O auto-retrato da condessa — explicou Luttel. — era uma excelente pintora.

—E esse outro quadro?

—Os nomes dos que figuram nele estão no próprio quadro e todos vivem ainda. Não sei que negócios em comum tiveram com a condessa, mas ela os pintou em volta de uma mesa de trabalho, como se estivessem em uma reunião.

Luttel apanhou um grande rolo de papel, amarrado com uma fita de seda vermelha. Explicou:

— A planta de Margopalast. Assim, poderá percorrer a mansão sem medo de perder-se. Na geladeira há provisões suficientes para alguns dias, caso o temporal se prolongue.

Katz olhou para o barômetro que havia em uma das paredes da sala. Profetizou:

— O mau tempo ainda durará alguns dias.

— Para mim, pouco importa. Outra coisa, nesta gaveta estão os documentos de Margopalast e os livros de contabilidade. O banco Hugmeister é o encarregado de administrar os bens da condessa e pagar as despesas da propriedade, inclusive o seu salário e o da Sra. Ramcke. Há uma agência em Fogger e você poderá entender-se com o seu diretor. O salário não é mau, devo admitir.

— Excelente, na minha opinião — Katz sorriu.

—A condessa estava apaixonada pela vivenda. Acho que lhe lembrava o palácio que tinha na Hungria, sua terra natal.

—Ah, era húngara...

—Sim. Fugiu de lá quando os russos invadiram o país. Dizem que trouxe suas jóias de grande valor com ela. Isso deve ser correto, porque de outra forma não poderia comprar esta propriedade. Outra coisa, a múmia está no subterrâneo. Sempre deve haver uma luz acesa, entendido?

—Por quê? — perguntou Katz, estranhando.

—A condessa detestava a escuridão — sorriu Luttel. — Está claro no seu testamento que, nem mesmo depois de morta queria estar no escuro. Há uma cópia do testamento na gaveta. A condessa preocupou-se com os mínimos detalhes.

—Além de tudo, era pintora — Katz sorriu.

—Era uma distração para ela, e quanto aos negócios, era muito perspicaz.

—Escute, não há herdeiros dos bens da condessa?

—Apresentaram-se dois tipos espertos, dizendo-se parentes distantes da condessa, mas nenhum deles tinham provas suficientes do que diziam. Bem, acho que há uma neta..., que não apareceu até hoje, mas que também teria que provar com documentos que é, realmente, neta da condessa. E o herdeiro teria que se comprometer a conservar a propriedade e, inclusive, a múmia.

Katz sacudiu a cabeça. Luttel apanhou uns papéis, apertou a mão de Dieter Katz e dirigiu-se à porta. Despediu se, desejando boa sorte a Katz, que ficou sozinho e perplexo. Não sabia por que aceitara aquele emprego, embora o salário fosse tentador. Mas seria sensato enterrar-se ali, quando ainda não tinha trinta anos de idade?

Quem sabe, talvez, com tempo bom, Margopalast oferecesse um melhor aspecto. Por outro lado, achava que o trabalho era folgado e que teria horas livres para terminar a tese que estava preparando. Dois anos em Margopalast... e depois, uma cátedra de história em uma boa universidade... eram ótimos projetos, que exigiam apenas força de vontade e paciência para serem conseguidos. Observou Luttel bater a porta do carro. Sorriu. Luttel deixava a mansão, apenas para não conviver com uma múmia. Ficou observando o carro afastar-se. As luzes do carro iluminavam a ponte. De súbito, o veículo desviou-se para a esquerda, rompeu o parapeito e saltou para as águas turbulentas. Os faróis se apagaram e Katz ficou paralisado pelo terror durante alguns segundos. Reagindo, correu para fora, apanhou uma lanterna em seu carro e dirigiu-se à ponte. Não encontrou o menor sinal do carro ou de Luttel. Naquele momento, o riacho era digno de seu nome¹. As águas eram completamente negras. Mas, havia telefone em Margopalast e um posto policial em Fogger. Era preciso comunicar o acidente.

¹ (Schwarzbach: Arroio Negro N. do A.)

Capítulo 2

Alguém Modificou O Quadro

Depois de chamar a polícia, Katz preparou um café com algumas gotas de conhaque. A temperatura caía, apesar de ser primavera, por causa das chuvas. Ele estava deprimido. O silêncio era total, rompido somente pelo ruído da chuva.

Pensou que a pressa de Luttel o levara à morte. Por que não tinha esperado pelo dia para ir embora? Com certeza, a chuva o tinha cegado, causando o acidente.

Sentiu-se melhor depois de alguns minutos e lembrou-se da múmia, dirigiu-se então ao vestíbulo onde uma larga porta de madeira escura conduzia ao subterrâneo onde estava o corpo embalsamado da condessa. Hesitou durante alguns segundos e abriu-a em seguida. Havia uma luz no subterrâneo, conforme o desejo da proprietária. Desceu a escada de pedra, devagar, curioso para ver a múmia da estranha mulher que fora Margo Von Djaronyi.

O subterrâneo era grande, sustentado por colunas com arcos. O túmulo estava no centro. As lâmpadas, embora em forma de chamas, eram elétricas e o caixão encontrava-se sobre o túmulo, a um metro do chão. A tampa do caixão era de vidro grosso e sob ela estava a múmia. Katz conteve um grito ao ver o corpo que jazia ali.

Luttel não tinha mentido.

O estado de conservação da múmia era perfeito. Parecia uma mulher adormecida que despertaria a qualquer momento. E o belíssimo rosto era o de uma jovem de vinte anos..

As mãos finas e quase transparentes descansavam no peito, exibindo anéis de valor. O vestido era negro, com bordados de ouro no pescoço, punhos das mangas e

uma saia longa. Katz disse a si mesmo que a condessa devia ter enlouquecido os homens com sua beleza, quando era jovem. O som do telefone no andar de cima, tirou-o das divagações diante da imagem da morta. Deu meia-volta e subiu a escada correndo.

Segundos depois, uma sombra surgiu de trás de uma das colunas. O homem inclinou-se sobre o caixão, soluçando:

Margo, Margo, quando vai voltar à vida?

katz, contudo, não o ouvia, porque falava com o cabo Piver, da polícia de Fogger. O cabo explicava que só poderia ir a Margopalast quando o temporal cessasse, porque o caminho fora interrompido. Perguntou em seguida:

—Tem certeza de que o Sr. Luttel morreu. Sr. Katz?

—Claro, o carro dele caiu no riacho.

—Então, afogou-se. Irei vê-lo assim que for possível. E vou falar com a Sra. Ramcke.

Katz agradeceu, desligando e sentindo-se deprimido de novo. Preparou uma refeição ligeira porque não sentia fome. Depois, escolheu um livro na biblioteca, pensando que no dia seguinte desfaria suas malas e apanharia cadernos e livros que trouxera para trabalhar em sua tese.

Com o livro embaixo do braço, subiu ao seu quarto. Luttel dissera que um homem trazia lenha para as lareiras uma vez por semana e que encontraria a do seu quarto acesa.

Katz abriu a porta, acendeu a luz, e viu que a cama estava ocupada por uma mulher.

A Condessa Margo.

Dormia tranqüilamente, os negros cabelos estendidos como um mato de ébano sobre o travesseiro. A respiração era regular e sossegada. Katz abriu e fechou os olhos duas vezes. Não era possível, a condessa estava mumificada no subterrâneo.

De repente, ela abriu os olhos. Soltou um grito de susto ao ver o rapaz, enquanto cobria o corpo com o lençol.

—Quem é você? O que faz aqui? — Perguntou.

—Condessa eu..., não, não é a condessa.

—Claro que não! Sou Hilda Fehling — disse ela, sentando-se na cama, sem deixar de cobrir o corpo com o lençol.

—Sou o novo conservador, Dieter Katz — apresentou-se ele.

—Luttel não me falou a respeito de um novo conservador!

—E Luttel também não me falou a seu respeito. Deu a entender que eu ficaria sozinho no castelo.

Por um momento os dois se olharam intrigados.

—Estranho! — Murmurou Hilda. — O Sr. Luttel contratou-me como sua secretária..., quero dizer, do senhor agora, já que é o novo conservador.

—Deve ter uma carta que prove o que afirma, não?

—Claro, embora eu também possa exigir uma do senhor; Tenha a bondade de virar-se um momento. Vou levantar-me.

—Sim, Srta. Fehling — disse ele, girando sobre si mesmo e ouvindo o ruído de roupas e em seguida a voz da moça ao chamá-lo.

Katz voltou-se. Ela estava de pé, vestindo um robe curto que revelava um par de pernas esculturais. O cabelo caía como cascata sobre as costas, até abaixo da cintura.

—A carta de Luttel — disse ela, estendendo os papéis que tinha na mão — oferecendo-me o lugar de secretária, e a minha resposta, aceitando o emprego.

katz leu os dois documentos.

—Está em ordem — disse, entregando-lhe outra carta idêntica, também escrita por Luttel.

—E agora — falou Hilda — qual é a sua decisão? Pode despedir-me, se o desejar, já que ocupa agora o lugar de Luttel.

—Não posso tomar uma decisão agora, mas acho o comportamento de Luttel bastante estranho e intrigante.

—Desde o primeiro momento que o conheci, pareceu-me meio louco. Mas, não lhe diga nada...

—Nem poderia. Luttel morreu.

—Como foi? — Ela arregalou os olhos.

—Sua pressa em deixar o castelo foi fatal. Seu carro caiu da ponte, precipitando-se no rio. Um acidente lamentável.

—Horrível — Hilda estremeceu. — O que vamos fazer agora?

—Avisei a polícia, mas o caminho está obstruído por causa do temporal. Será preciso esperar que o tempo melhore.

—Bem — ela sorriu, cruzando os braços sobre o peito, como se estivesse sentindo frio — nós nos conhecemos de uma forma bastante estranha, não acha? Espero que pela manhã me diga se devo ficar ou não. O conservador de Margopalast tem autoridade para contratar e despedir empregados. Foi o que Luttel me disse.

—Nós nos veremos amanhã — respondeu Katz, dirigindo-se à porta, pensando que teria que arranjar outro quarto para dormir. De repente, perguntou: — Como chegou aqui, senhorita?

—De carro. Tenho um Volkswagen.

—Não falo do carro, mas do quarto.

—Cheguei cedo e cansada. Falei com Luttel e subi para dormir aqui. O senhor chegou depois, suponho.

—Às nove da noite..., bem, até amanhã — disse, saindo do dormitório e pensando que Luttel fora um humorista, não lhe contando que havia uma garota bonita em seu quarto, e além do mais, muito parecida com a condessa.

O que era estranho, e também agradável: Hilda possuía uma beleza fora do comum.

Hilda entrou no escritório pouco depois das nove horas da manhã. Katz revisava uns documentos e levantou-se ao vê-la.

—Como passou a noite? — Perguntou.

—Fiquei acordada muito tempo pensando no pobre Luttel, depois que o senhor me contou, só que a culpa não é sua, claro.

—A chuva amainou um pouco. — Disse ele, apontando para a janela. — Mas ainda não parou de todo.

—Quer dizer que estamos sozinhos em Margopalast?

—Com a múmia da condessa, claro.

—Ainda não a vi.

—Olhou-se no espelho, Srta. Fehling? Dê meia volta e veja o auto-retrato da condessa.

Ela obedeceu. Uma exclamação de surpresa saiu dos seus lábios.

—Incrível — exclamou.

—A semelhança entre as duas é notável.

—Não entendo — falou Hilda. — Luttel me recebeu na biblioteca, eu não tinha entrado aqui. Encontrei o senhor porque vi a porta aberta.

—Deixei-a assim de propósito. Escute, tinha ouvido falar da condessa antes de chegar a Margopalast?

—Não, nunca — afirmou com ênfase.

—Curioso... — os dedos de Katz tamborilaram sobre a mesa, enquanto os olhos de Hilda passeavam pelo recinto.

—Quem são esses? — Apontou para o quadro onde havia oito pessoas.

—Antigos sócios, em não sei que negócios da condessa.

—Um deles deve ter sido um traidor — Hilda sorriu — porque seu rosto foi apagado do quadro, como se não merecesse ficar junto aos outros — disse ela, e Katz, assombrado, viu que tinha razão.

Um dos rostos estava apagado, em branco, como estivera a tela, antes de ser pintada nela o rosto do homem.

Capítulo 3

A Surpresa de Hilda

Katz levantou-se. Na base do quadro havia uma tira de madeira onde estavam escritos oito nomes. Um deles estava riscado por um traço vermelho. Mas o nome podia ser lido.

—Karl Hesse — leu Katz. — Não sei quem é, nunca conheci a condessa e muito menos seus sócios. Ignoro até que tipo de negócios tinham em comum.

— Estranho — murmurou Hilda. — Por que apagaram seu rosto?

—Não sei. No entanto, estou certo de uma coisa: ontem à noite, quando vi o quadro, os oito rostos estavam pintados.

—Está falando sério?

—Por que ia querer enganá-la? Meu único interesse é o meu emprego. E tenho uma cópia do testamento onde há instruções detalhadas. O resto não é da minha conta.

—A condessa morreu... e não deixou nenhum herdeiro?

Katz encarou a moça e ela falou com aspereza.

—Eu não sou herdeira, se é isto que está pensando. A semelhança física é uma simples casualidade.

—Está bem — falou ele, com voz neutra, exclamou em seguida: — Espere, acho que tenho uma pista!

—Uma pista?

Katz voltou à mesa de trabalho, abriu uma pasta de couro e tirou dela uma grande fotografia.

—Olhe, aqui aparece o rosto de Hesse.

—É verdade — disse Hilda, inclinando-se para olhar.

—Com certeza, a condessa usou esta fotografia como modelo para o quadro. Era uma boa pintora.

—Há muito que morreu?

—Há uns sete anos, tinha mais de oitenta.

—Muito velha..., mas eu gostaria de tê-la conhecido. Deve ter sido uma pessoa fascinante.

—Então, a senhorita tinha doze anos.

—Não exagere — ela riu. — Há sete anos eu tinha dezesseis. Dizer minha idade verdadeira jamais se constituiu problema para mim.

—Gosto de sua franqueza. O emprego de secretária é seu — resolveu Katz naquele exato momento. A presença de Hilda naquela casa o agradava, como também sua companhia.

—Muito obrigada, Sr. Conservador.

—Não me chame assim — ele riu — ainda não tenho trinta anos e assim me sinto mais velho.

— Mas, de qualquer forma é o conservador do castelo.

— E guardador de uma múmia — suspirou ele. — Eu poderia vê-la?

— Claro, e quando a olhar, entenderá por que eu a confundi com a condessa, quando estava dormindo ontem à noite. Pensei que a condessa tivesse ressuscitado.

—Vamos, não me diga que acredita em lendas.

—A condessa quis ser mumificada porque acreditava que ia ressuscitar um dia. Bem, verá por si mesma. Venha.

Katz conduziu Hilda através do mesmo caminho que fizera na noite anterior.

Quando se encontravam no subterrâneo, ante o caixão, a moça ficou assombrada.

—Fantástico! Parece mesmo comigo...

—Não se parece, é sua própria imagem — corrigiu

Katz.

—Não gosto nem um pouco da idéia de ver uma sócia num caixão.

—A condessa operou-se antes de morrer, desejosa de recuperar sua beleza juvenil e conservá-la para o momento da ressurreição, na qual acreditava firmemente.

—E conseguiu, sem dúvida. Só ue eu não sei porque escolheu o meu rosto.

—Não se esqueça que esse semblante é o mesmo do auto-retrato do escritório — explicou o rapaz. — Exatamente a aparência que a condessa tinha por ocasião sua idade atual.

Hilda pareceu desconcertada.

—De qualquer forma não gosto disso..., mas, preciso do emprego... pelo salário, claro.

—Não creio que será tão ruim viver aqui — ele sorriu, procurando animá-la. — Quando o tempo estiver bom, o lugar deve ser maravilhoso. Além disso, sou eu quem devo cuidar da cripta, e não a senhorita.

—Está me convencendo a ficar — disse ela. — E aquela cortina ali? O que há atrás dela?

Katz voltou-se. À sua esquerda estava uma cortina vermelha que cobria grande parte da parede e na qual não tinha reparado na véspera.

—Não sei, mas podemos ver agora mesmo — falou ele.

Puxou os cordões e a cortina abriu-se. Hilda gritou e Katz, impressionado, recuou um passo, maquinalmente.

Do outro lado da cortina havia uma abertura de uns seis metros por dois de largura, com uma grande mesa, rodeada por oito cadeiras de espaldar alto, quatro de cada lado. Um homem estava sentado em uma delas, parecia, estar morto. O que mais impressionava é que lhe faltava o rosto.

Em lugar do rosto havia uma máscara branda e lisa... e o homem estava com as mãos apoiadas aos braços da cadeira, absolutamente imóvel.

— Veja — disse Katz — não sei se a condessa pintou este ambiente naquele quadro do escritório, ou criou este ambiente em função do quadro.

Mas Hilda não estava olhando. Dera meia volta para não contemplar o horrível espetáculo. Katz reagiu e aproximou-se da cadeira, tocando uma das mãos do morto. Estava gelada. Sua jaqueta fechava-se até o pescoço. Foi, então, que Katz viu no centro do peito, o minúsculo orifício que fora vermelho vivo e agora possuía uma sinistra coloração escura.

Tateou os bolsos do homem. Encontrou uma carteira. Os documentos estavam em nome de Karl Hesse. Katz procurou deixar tudo como estava. Recuou e fechou as cortinas, dizendo que era preciso avisar a polícia. Hilda concordou com voz trêmula.

—Ignoro o que houve aqui, mas declaro que sou inocente — disse Katz.

—Eu também não tenho nada a ver com esse crime..., porque é um crime, não?

—Sem a menor dúvida. Vamos subir e tomar qualquer coisa. Acho que uma bebida fará bem.

Ela concordou e instantes depois estavam no escritório. Katz procurou o armário de bebidas e serviu dois copos, entregando um a Hilda.

—Beba, está muito pálida — disse, os olhos na fotografia sobre a mesa.

A semelhança entre o retrato e o morto era surpreendente, com exceção da falta de rosto.

— Quem era? — Perguntou Hilda.

— Hesse.

— Parece uma vingança de além túmulo. Descobriu a causa da morte?

— Não sou um técnico, mas acho que seu peito foi atravessado por algo parecido com uma agulha. A morte deve ter sido quase instantânea.

— Como será que Hesse chegou a Margopalast?

— Não tenho a menor idéia, isso cabe a polícia descobrir.

Terminou a bebida e ligou para a polícia. O cabo Piver mostrou-se assombrado:

— Um homem afogado, outro assassinado. Sempre acreditei que havia bruxas em Margopalast.

— Bruxas não atravessam o coração dos homens com agulhas — lembrou Katz.

— Tem razão, mas o caminho continua interrompido. Deixe tudo como está e espere a nossa chegada. E tranque a porta do local onde está o cadáver.

Katz concordou, desligando o aparelho. Resmungou, olhando para sua bela secretária que estava muito séria, ao seu lado.

— O caminho continua obstruído. Isto quer dizer que devemos esperar, sabe Deus até quando, a chegada da polícia.

— Enquanto isso devemos conviver com um cadáver — ela estremeceu.

— Dois — lembrou ele.

— É verdade — disse Hilda, sentindo um calafrio. Sr. Katz, já pensou na hipótese de haver um assassino em Margopalast?

— Não conheço bem a propriedade. Acho que devíamos fazer uma revista no prédio.

— Sem armas?

— Não costumo usar revólveres — respondeu ele, sorrindo — mas, se for necessário...

Aproximou-se da lareira e apanhou um atizador e também a planta do castelo de cima da mesa, entregando-a à moça.

— Com esta planta percorreremos os locais mais recônditos de Margopalast — ajuntou.

Capítulo 4

Um Pouco do Passado

Entardecia e a chuva diminuía consideravelmente.

— Parece que o barômetro está subindo — comentou Katz, olhando para o instrumento preso à parede.

Hilda permanecia silenciosa e o rapaz concluiu que ela estava muito deprimida.

Um pedaço de lenha partiu-se na lareira, enviando milhares de fagulhas para o alto. Hilda pareceu voltar à realidade, estremecendo de leve.

— O que vai acontecer esta noite? — Perguntou.

— Nada — respondeu Katz. — Não há razão para que aconteça coisa alguma.

— Não sei se dormirei bem...

— Por acaso não dormiu bem a noite passada?

— Era diferente. Não havia um cadáver.

— Dois, senhorita.

— O da condessa não me assusta nem um pouco, refiro-me ao de Karl Hesse...

— Se aos mortos fosse dado o dom da vingança, eles fariam mal somente ao seu assassino, não concorda comigo?

— Não sei — ela respondeu, pensativa. — A morte é uma grande incógnita. Nenhum de nós quer admitir que um dia iremos enfrentá-la. E ninguém, até hoje, voltou para dizer como é.

— Há uma coisa que está me intrigando. Hilda olhou na direção de Katz.

— O que é? — Perguntou.

— Como foi que conseguiu o emprego?

— Já lhe disse que o Sr. Luttel escreveu-me. Não viu a carta?

— Luttel colocou um anúncio nos jornais?

— Escreveu-me diretamente — respondeu ela.

— Onde morava?

— Em Wuppertal, Rua Mains, 42.

— Luttel lhe disse como conseguira o seu endereço?

— Não, na verdade nem pensei nisso. Mas, talvez, tenha conseguido informações minhas no curso, onde terminei recentemente o estudo de secretária.

—O salário e as condições lhe pareceram boas? — Claro, por isto estou aqui.

—Gostaria de poder falar a respeito com Luttel..., mas, infelizmente, agora não será mais possível — murmurou Katz, consultando o relógio. — Acho que está na hora de preparar o jantar — ajuntou, percebendo também que já anoitecera.

—Eu o farei.

Nós dois o faremos. A senhorita não é a cozinheira.

—Obrigada, Sr. Conservador... digo, Sr. Katz.

—Por que não Dieter? — Sugeriu ele com um sorriso amável.

— Ainda não é hora para isso.

O jantar ficou pronto meia hora mais tarde. Ao terminar, Hilda estremeceu ao pensar no momento de ir para o quarto.

—Espero que os fantasmas fiquem sossegados à noite — disse ela. — Eu não gostaria de ouvir ruído da correntes, portas batendo e gemidos de almas...

Ela se pôs de pé num salto e gritou, quando em algum lugar do castelo, soaram três fortes pancadas.

—Os fantasmas!

—Não seja criança — disse Katz, de mau humor — Não há...

Os golpes se repetiram com força. Katz disse:

—Fique tranqüila. Alguém está batendo à porta da frente.

Hilda deixou escapar o ar nos pulmões. O rapaz deu meia volta, dirigindo-se à porta. Um homem, pingando água, apareceu diante de seus olhos.

—Ainda bem — disse ele, aborrecido. — Pensei que tinham ficado surdos e que eu precisaria abrir a porta com tiros.

Katz examinou o homem de estatura média, gordo e de uns quarenta e cinco anos. Usava um chapéu de feltro, com uma pena vermelha e vestia um jaquetão de couro. As calças estavam enfiadas em botas de couro, enlameadas até os tornozelos. Carregava uma espingarda com a boca para baixo, para que a água não penetrasse no cano. E trazia uma cartucheira à cintura.

—Sou Willi Warlass — declarou o homem. — Diga ao Sr. Luttel que gostaria de passar a noite aqui. Fogger fica distante.

—Luttel morreu, caiu no rio com seu carro e afogou-se.

—Céus! — Exclamou Warlass, os olhos arregalados.

—Mas se conhecia Luttel, pode passar a noite aqui, naturalmente — disse Katz. — Eu sou o novo conservador, Dieter Katz.

—O Sr. Luttel disse-me que queria deixar o emprego, porém nunca acreditei nele. Mas vejo que cumpriu seus desejos.

—Com precipitação excessiva. Por isso acabou no rio.

—Sim, é uma pena.

—Por que usa uma espingarda, Sr. Warlass?

—Fui o guarda da propriedade há tempos — ele sorriu com malícia — mas a condessa vendeu a maior parte das terras e fiquei sem emprego. No entanto, a caça é abundante aqui... a pessoa precisa comer ao menos duas vezes por dia, não é?

—Mas não caçou nada hoje.

—O tempo está horrível. Fiz uma tentativa, mas falhei.

—É, o dia não está mesmo para caça. Venha até a cozinha para comer alguma coisa. E poderá dormir em um dos divãs do grande salão.

—Se não se importa, Sr. Katz, usarei o meu antigo quarto.

—Está bem, mas deixe tudo em ordem ao partir. Não sabemos quando a Sra. Rambcke virá.

Os dois homens atravessaram o vestíbulo. Warlass parou, de repente, exclamou.

—Sra. Condessa!

Hilda tinha surgido à porta do corredor que conduzia à cozinha. Katz sorriu diante do engano do antigo guarda da propriedade.

—Ela é minha secretária, Hilda Fehling, mas é verdade que a semelhança chega a ser impressionante.

—Eu poderia jurar — Warlass passou a mão pelo rosto — que os desejos da condessa tinham-se realizado.

Warlass contou a Hilda que já trabalhara na propriedade e conhecera a condessa. Falou também sobre a cara operação a que a condessa se submetera e mencionou as jóias de valor da condessa, confessando, contudo, que jamais as vira.

—sabe o nome do médico que a operou? — Indagou Katz

—Luttel poderia responder melhor do que eu, mas acho que o nome dele era Dr. Dubmeier. A operação foi realizada aqui mesmo.— Mais um capricho da condessa — comentou Hilda.

—Com dinheiro, tudo é fácil. Seu rosto ficou como o de uma moça, mas via-se que apenas ele era jovem. Continuou usando sua bengala para caminhar. Quando estava sentada podia enganar qualquer pessoa, porém, quando levantava... — interrompeu-se, ajuntando: — Este vinho é forte. Se não se importam, vou tratar de dormir.

—Boa noite, Willi — disseram os jovens, que ficaram a sós.

Katz sorriu para a moça.

—Bem, ao menos, alguém nos fará companhia.

— Ele não servirá para nada. Está meio embriagado — falou Hilda com desprezo — e vai dormir como uma pedra.

—Convém não se esquecer de trancar sua porta por dentro.

—E vou colocar um dos atizadores perto da cabeceira da cama — disse ela, ajuntando em seguida: — O senhor disse que Luttel estava apenas há dois anos aqui, mas acho que ele mentiu. Pelo que disse Willi, Luttel esteve mais tempo...

—Vamos perguntar a Willi amanhã, está bem?

—Claro, e acho que devíamos falar sobre Karl Hesse. Suspeito de que foi Luttel quem o matou.

—Talvez — murmurou Katz, pensativo. — Mas, não temos provas.

—Para mim, Luttel é o principal suspeito. Ele não esteve aqui apenas dois anos como lhe disse.

—Estava meio louco, não se pode crer em tudo o que disse — Katz sorriu.

—Talvez — disse ela em tom vago e acrescentando: — Boa noite.

Hilda afastou-se, deixando Katz mergulhado em seus pensamentos.

Capítulo 5

Uma Visita da Condessa?

As chamas da lareira tinham-se apagado e o ruído que se ouviu não foi o da lenha queimando. O som atravessou o sono que envolvia Katz, chegando ao seu cérebro. Ele abriu os olhos, aguçando o ouvido, mas continuando imóvel na cama.

Uma sombra aproximou-se da cama e ele teve que fazer um esforço para conter um grito. Tinha a condessa ressuscitado? Margo Von Djaronyi inclinou-se para ele, um estranho sorriso nos lábios vermelhos. Katz pensou nos vampiros e em suas lendas, por um momento. A mulher inclinou-se mais, os lábios roçando os de Katz.

— Meu amor — sussurrou ela — durma tranquilo. Estou rejuvenescendo para você, vou tornar-me bela e desejável e nosso amor será eterno — ajuntou ela, aumentando a pressão dos lábios contra os de Katz, que sentia o frio mortal naquela boca.

Ficou feliz porque o quarto estava mergulhado numa penumbra, que permitia ver, mas ocultava algumas coisas, como o suor que lhe cobria a fronte e a testa.

— Voltarei outra noite, amor — despediu-se a mulher.

Katz não se moveu, não tinha certeza de que tudo não passasse de um pesadelo. Deixara-se influenciar pela múmia da condessa e pela presença da jovem, que era o fiel retrato da morta. Sim, com certeza fora um sonho..., pensando assim, sorriu ao ouvir o rangido da porta e fechou os olhos de novo.

Tentou dormir mas não conseguiu. Acendeu a luz e procurou o maço de cigarros. Tirou um, pensando que Hilda riria dele se lhe contasse o seu pesadelo.

Fora, o ruído da chuva continuava, suave, agora. Depois de alguns minutos apagou o cigarro, tentando dormir. Não pôde e lembrou-se do sonho. Margo dissera que rejuvenesceria para ele e Luttel falara sobre o desejo da ressurreição da condessa.

— Talvez, Hilda tenha tido um pesadelo e tenha-se vestido como Margo — murmurou, decidindo ir ao quarto da moça para se certificar de que ela estava lá.

Hilda despertou, de súbito, sobressaltada. Alguma coisa tinha feito ruído no andar térreo. Vacilou. Sentia medo, mas também curiosidade. Pensando que não queria ser covarde, saltou da cama, vestiu um robe, calçou as chinelas e dirigiu-se à porta com um atizador na mão.

Abriu. A casa esta mergulhada em silêncio. Ouviu-se apenas o fraco rumor da chuva. Hilda deixou o quarto e desceu ao subterrâneo, cuja porta encontrou aberta. As sobranceiras da jovem se ergueram. Vacilou. De repente, começou a andar em direção ao primeiro andar da escada que conduzia à cripta.

O caixão estava como sempre, iluminado pelas lâmpadas elétricas. Hilda se aproximou do túmulo devagar. Ao chegar junto dele, viu, horrorizada, que o caixão estava vazio. Quase gritou de susto, mas nenhum som saiu de sua garganta.

Percebeu também que não estava sozinha ali. Havia alguém mais, que respirava de forma acelerada. Ela começou a voltar-se, mas algo tapou sua boca e nariz. Era uma compressa grande, encharcada de um líquido com odor adocicado.

Hilda lutou durante alguns segundos, mas depois perdeu as forças. Tudo girou ao seu redor. As luzes enfraqueceram e ela foi envolvida pelas trevas.

Katz ficou preocupado, ao ver que a porta do quarto de Hilda não estava trancada. Abriu-a e viu o leito vazio.

— Hilda — chamou, avançando alguns passos.

Talvez a moça estivesse no banheiro. Esperou alguns minutos, mas Hilda não apareceu. Verificou, então, que o banheiro também estava vazio. Sua preocupação aumentou, perguntando-se onde Hilda teria ido. Lembrou-se da mulher de Lot e da sétima esposa de Barba Azul, as duas tinham pagado caro por sua curiosidade.

Deixou o quarto, caminhou pelo corredor e debruçou-se no corrimão da escada. Viu a porta da cripta aberta e pensou que precisava encontrar a chave ou mandar vir um chaveiro para trocar a fechadura. Desceu as escadas correndo em direção ao subterrâneo.

— Hilda — chamou.

Percebeu, ao chegar à cripta, que havia alguma coisa anormal ali, mas estava interessado apenas em encontrar a moça. Deu meia volta e ouviu um ruído.

Deteve-se no mesmo instante. O ruído repetiu-se.

Alguém batia em um vidro. Katz sentiu a testa molhada de suor. Apavorado e trêmulo, acercou-se do túmulo. Uma das mãos da condessa ergueu-se, de súbito, batendo contra a tampa de vidro do caixão.

— Vai ressuscitar! — exclamou Katz, recuando um passo.

A condessa agitou-se. Vencendo o medo, Katz aproximou-se do caixão e abriu os ferrolhos que seguravam a tampa. Em seguida, levantou a tampa e a mulher respirou profundamente.

Katz hesitou um segundo, mas, afinal, tomou a condessa nos braços e dirigiu-se à saída do subterrâneo. Sentiu um odor doce e agradável ao mesmo tempo. Subiu as escadas depressa, colocou a mulher na cama de Hilda. Pensou que a condessa teria uma surpresa, ao ver que conseguira o que tanto tinha desejado. Sentia-se ansioso para conversar com uma pessoa que voltara à vida. Sentou-se, decidido a esperar.

—Água — pediu a mulher, abrindo os olhos e sentindo náuseas.

—Tenho uma coisa melhor, condessa — disse Katz, acercando-se da cama com uma garrafa térmica de café, que tivera tempo de preparar, porque Hilda dormira durante muito tempo. — Vou ajudá-la, condessa — acrescentou, passando uma das mãos pelo ombro da mulher.

—Obrigada — disse ela, depois de tomar o café, e tornando a deitar-se, mas satisfeita por sentir-se melhor.

—Estou feliz com sua ressurreição, condessa.

—Condessa? — A mulher olhou para ele com ar admirado. — Ficou louco?

—Condessa... — murmurou ele, deixando de sorrir.

—Sou Hilda. Deixe de fantasia — falou ela asperamente.

—Deixe de brincadeira, condessa. Vi quando ressuscitou... então, carreguei-a para cá...

Hilda sentou-se na cama e foi, então, que reparou nas roupas que usava. Perguntando, apavorada:

—Por que estou vestida com as roupas da condessa?

Katz ficou pensativo. A voz de Hilda era inconfundível. A garota podia ter as mesmas feições da condessa, mas seria demasiada coincidência que as suas vozes fossem idênticas também. Voltou-se para ela:

—Então...

—Sou Hilda — insistiu ela. — Ouvi ruídos, desci e entrei no subterrâneo. Alguém me atacou e me fez cheirar clorofórmio.

Katz lembrou-se do cheiro que não soubera identificar. Sim, aquela era a sua secretária e não a Condessa Margo.

—Estava no caixão — afirmou ele.

—Quando desci o caixão estava vazio — disse ela. Katz ficou pálido, passando uma das mãos pela testa.

—Então... — murmurou — não foi um sonho....

—Que?

—A condessa... esteve no meu quarto... e beijou-me... eu pensei que tinha sido um pesadelo...

—Então — Hilda levantou-se de um salto — ela ressuscitou!

—Não existe outra explicação — concordou o rapaz. — Será possível que alguém tenha descoberto a forma de ressuscitar uma pessoa morta há sete anos?

Ficaram em silêncio. Depois, Katz decidiu:

—Hilda, vamos verificar se o caixão está vazio.

Ela concordou, erguendo um pouco a saia do pesado vestido para poder caminhar. De repente, teve dúvidas.

—Sr. Katz, por que me colocaram no caixão?

—Não sei, embora suspeite de alguma coisa que não gostaria de ouvir.

—Fale, por favor. Seja o que for, quero que fale.

—Queriam assassiná-la.

—O quê? — Gritou ela.

—Cheguei lá pouco depois de a terem colocado no caixão. Vi-a agitando as mãos, tentando abrir a tampa para poder respirar.

— Sim, entendo. Acha que eu poderia morrer asfixiada?

—Acredito que sim — retrucou Katz, voltando a caminhar.

Hilda descia os degraus do subterrâneo à frente de Katz e para fazê-lo tinha que erguer bastante a saia do vestido, a fim de não tropeçar e cair.

Ela chegou primeiro à cripta, soltando uma exclamação de surpresa:

—Ela está no caixão!

Katz estremeceu, acercando-se da urna mortuária. Margo descansava nela, tão bela quando em sua juventude. Estava imóvel.

Mas Katz notou uma diferença muito pequena, agora os lábios da condessa estavam entreabertos.

—Está sorrindo, como se acreditasse na sua ressurreição — murmurou ele, enquanto Hilda sacudia a cabeça, concordando.

—Sr. Katz — disse ela, de repente — o cadáver de Hesse desapareceu!

Ele se voltou. As cortinas estavam abertas, mas não havia qualquer abertura na parede. O muro era maciço e sólido, de pedra, construído há muitos anos... .

Capítulo 6

Como Explicar o Inexplicável?

—Só há uma solução — disse Katz, sentado ao lado de Hilda, à mesa do café.

—Qual? — Perguntou a moça.

—A planta do castelo. Existe uma passagem secreta em algum lugar. Talvez mais de uma, mas não há dúvida sobre isso.

Então investigaremos com a planta nas mãos, mas acho que há alguém que poderia nos ajudar: Willi, o antigo guarda da propriedade.

—É verdade, eu não tinha me lembrado dele.

—E ele ainda não desceu — falou Hilda, olhando através da janela.

Já amanhecera há algum tempo e parecia que a chuva ia cessar, embora o céu estivesse nublado e algumas nuvens correm baixas.

—Deve estar curando a ressaca — concluiu a moça.

—Acho que estava apenas alegre, e duvido muito de que não estivesse simulando — comentou o rapaz, dirigindo-se à porta, seguido pelo olhar espantado de Hilda. — Voltarei em seguida — prometeu ele.

Hilda ficou sozinha e pensativa. Havia um enigma em Margopalast. Talvez alguma coisa sobrenatural tivesse acontecido. Duvidava da visita da condessa ao quarto de Katz, mas era estranho que ela tivesse sido narcotizada para ocupar o lugar da condessa no caixão vazio.

E ainda mais, havia dois vestidos iguais, o que a condessa vestia em seu caixão e o que ela própria usara até minutos atrás.

—Willi não está aqui — anunciou Katz, voltando para a cozinha. — Não sei quando foi embora. O quarto se encontra em ordem e se não fosse por algumas manchas de barro no chão, parecia que ninguém dormiu lá.

—Por que deu a entender que Willi não é de confiança?

Antes que ele pudesse responder, soaram batidas à porta da frente.

—Vamos ver quem está aí — disse o rapaz.

Saíram da cozinha, atravessaram o vestíbulo e Katz abriu a pesada porta de carvalho. Viu um homem e uma mulher.

—Sou o cabo Piver — disse o homem. — Esta é a Sra. Ramcke.

Piver tinha uns quarenta anos, era de estatura média e expressão indiferente. Lisa Ramcke estava perto dos cinqüenta anos, era robusta, com quadris largos e bustos volumosos, mas agradável e simpática.

—Bom dia, Sr. Conservador — cumprimentou ela.

—Bom dia, Sra. Ramche. Apresento-lhe a Srta. Fehling, minha secretária.

Houve novos cumprimentos. Lisa falou em seguida:

—Acho que vou começar logo a fazer uma boa limpeza. Imagino que deve haver trabalho dobrado, uma vez que o temporal impediu-me de vir alguns dias, com licença.

Afastou-se em direção à cozinha, enquanto Katz guiava o cabo Piver até o escritório.

—Foi um temporal muito forte — disse Piver. — A estrada ficou destruída em alguns trechos, por isso, não vim antes.

—Entendo — sorriu Katz — mas não tenho boas notícias... o cadáver de Karl Hesse desapareceu.

—Tem certeza — o cabo mediu Katz de alto a baixo — de que viu o cadáver de Hesse? — indagou.

—A Srta. Fehling é testemunha. Ela viu o cadáver, também.

—Aqui nunca houve uma secretária do conservador — comentou Piver, depois de tomar algumas notas em sua agenda e de fazer perguntas a Katz.

—Lamento, mas foi Luttel quem contratou a Srta. Fehling. Somente ele poderia explicar a razão por que contratou uma secretária, mas infelizmente, não poderá fazê-lo porque está morto.

—O senhor viu Luttel cair no Schwarzbach?

—Vi o seu carro e Luttel estava nele, claro. Corri até a ponte, mas chovia muito e não pude ver mais nada.

—Teremos que esperar que o nível do rio abaixe — disse o cabo. — Não sei como o Sr. Luttel viajou numa noite assim.

—Tinha pressa, não queria mais ficar perto de uma múmia. Mas o Sr. Luttel mentiu sobre um assunto. Há quanto tempo ele estava aqui?

—Cinco ou seis anos.

—Ele me disse que estava há dois.

—Com certeza, o senhor entendeu mal.

—É possível — Katz deu de ombros e fez um gesto largo com as mãos. — Conheceu a condessa?

—Sim, era muito simpática e amável. Tinha um coração de ouro, mas sei que não perdoaria traições à sua amizade.

—Sabia de sua mania de ressuscitar?

—Quem não tem manias? — Piver sorriu.

—Parece que o senhor vive há muito tempo na região. Qual a sua opinião sobre as pessoas retratadas neste quadro?

—A condessa tinha negócios com elas, mas depois rompeu-os. É tudo o que lhe posso dizer, Sr. Katz.

—Que tipo de negócios?

—A condessa apreciava-me muito, mas havia coisas que não me contava. Sei que essas pessoas vinham aqui, algumas vezes, como hóspedes da condessa. É tudo o que sei.

—Karl Hesse morreu assassinado. O que vai fazer a respeito?

—Mostre-me o cadáver e o investigarei.

katz encarou o policial. Era óbvio que Piver não acreditava no que dizia.

—Era a primeira noite que o senhor passava aqui — Piver sorriu, compreensivo. — Uma noite péssima, de muita chuva. Imagino que ficou impressionado... e sonhou.

—Então, a Srta. Fehling entrou no meu sonho — disse Katz, em tom irônico. — Como já disse, ela também viu o cadáver.

—Mas não posso fazer nada — disse Piver num tom de voz profissional. Sua face não exprimia nenhuma emoção. — Já, quanto ao Sr. Luttel, vi o parapeito da ponte. Ele foi imprudente em sair com um temporal daqueles. Daremos uma busca no riacho quando as águas baixarem.

Depois que Piver saiu, Katz teve a impressão de que o policial não quisera investigar muito um assunto que não lhe importava, ou que achava muito complexo. Piver admitia a morte de Luttel, porque vira evidência dela, mas não a de Hesse. E como não havia cadáver...

—Andei fazendo perguntas à Sra. Ramcke — disse Hilda, mais tarde, entrando no escritório, onde encontrou Katz debruçado sobre a planta do castelo.

—E o que foi que ela disse?

—Falamos primeiro de Willi Warlass: charlatão, vagabundo. A condessa o expulsou daqui.

—Sim, entendo. Falou com ela sobre o resto?

—Procurei ser discreta, mas...

O telefone tocou, interrompendo o diálogo entre os dois jovens.

—Já nem me lembrava que existia um telefone nesta casa — comentou katz, atendendo ao telefone.

—Sr. Luttel... — soou a voz colérica aos seus ouvidos.

—Sinto muito, sou Dieter Katz, o novo conservador de Margopalast. Luttel morreu em um acidente.

—Oh! — Exclamou o outro. — Bem, sou Udo Von Hrimaldi.

—Sim. Em que posso servi-lo, senhor?

—Sr. Katz, sabe quem teve a idéia de enviar-me uma fotografia do quadro que o senhor tem diante de si?

—Tem razão, estou vendo o quadro, mas não tenho idéia de quem possa ter-lhe enviado uma foto dele.

—Na fotografia, Hesse e eu aparecemos sem rosto. Tem idéia do que isso significa, Sr. Katz?

—Por favor, avise a polícia — disse Katz, tenso.

—Nada disso. Irei a Margopalast esta noite. Avise a Sra. Ramcke para preparar um quarto para mim. Bom dia, senhor.

O aparelho foi desligado. Katz voltou-se para Hilda.

—Quem era? — Perguntou ela. — Más notícias?

—Não são boas. Alguém mandou uma fotografia do quadro a Von Hrimaldi com o seu rosto e o de Hesse, em branco.

—Vão mata-lo — murmurou Hilda, muito pálida.

Foi o que pensei. Mandeí que falasse com a polícia, mas ele não me ouviu. Disse que virá aqui esta noite.

—O homem está louco! Temos que fazer alguma coisa!

—Também acho. Há algumas armas na biblioteca: espingardas de caça e dois rifles para animais maiores. Eu sei manejar uma espingarda mais ou menos.

—Podia ter pensando nisso ontem à noite — disse ela, em tom de censura.

—Naquele momento eu não pensei. Estou pensando agora. Vamos.

Correram para a biblioteca. O armário de cristal, das armas, estava totalmente vazio. Hilda abraçou o rapaz, instintivamente. Estava trêmula.

—Sr. Katz, o que vai acontecer aqui?

Houve um momento de silêncio. Katz reagiu em seguida, voltando ao escritório e fazendo uma ligação para o cabo Piver, informando do roubo das armas que existiam no castelo.

— Suspeita de alguém? — Perguntou o policial, com a frieza que o caracterizava.

— Sim, de Willi Warlass.

— Está anotado, Sr. Katz. Vou investigar e falarei, com o senhor mais tarde. Obrigado por ter-me avisado.

Katz desligou o aparelho e voltou-se para Hilda.

— De pouco vale esse cabo Piver. De qualquer forma tiramos a responsabilidade de nossos ombros.

— Mas o perigo continua pairando sobre nossas cabeças — comentou Hilda. — Parece-me que a morte nos espreita em cada sombra da casa.

— Precisamos nos controlar — aconselhou Katz. — Temos que manter o sangue frio e procurar agir sempre com bom-senso.

— Bom-senso? — Hilda sorriu nervosa. — Como conservar o sangue frio e o bom-senso numa mansão secular, tendo como companhia uma múmia que desaparece e aparece; em que figuras de quadros sofrem mutações; onde um morto desaparece do quarto em que estava' e onde eu própria fui encontrada no esquife da múmia com as roupas da condessa?

— E eu poderia incluir à sua lista a visita que recebi em meu quarto, da condessa — disse katz em tom de pilhéria. Viu que Hilda estava apavorada e não seria aconselhável que ela sofresse um ataque nervoso.

— O senhor não acha que é muito mistério para uma só noite? — Perguntou a jovem.

— Sem dúvida alguma. Vou falar com a Sra. Ramcke — anunciou e a moça o seguiu ao andar superior, onde Lisa limpava os quartos. — Preciso falar com a senhora — disse Katz, ao chegar.

— Estou à suas ordens.

— A senhora conheceu as oito pessoas pintadas pela condessa?

— Superficialmente, uma vez que vinham ao castelo de vez em quando — explicou a mulher. — Sou apenas uma empregada.

— Compreendo. Ao menos sabe que tipo de negócios comuns existia entre eles e a condessa?

— Não, nunca me interessei em saber.

—Sabe ao menos se a condessa trouxe jóias de grande valor da Hungria, sua terra natal?

—Nunca vi as jóias, somente um anel, uma pulseira...

—Obrigado, Sra. Ramcke — Katz desceu ao andar térreo, seguido por Hilda. Confessou: — Estou desconcertado.

—Obrigado, Sra. Ramcke — Katz desceu ao andar térreo, seguido por Hilda. Confessou:

—Estou desconcertado.

—E eu com calafrios — disse Hilda.

—Penso em um homem cujo rosto foi apagado de uma fotografia. Pelo que sabemos, isto significa uma sentença de morte.

Capítulo 7

Katz Fica de Vigília Até Que...

Já caíra a noite. Lisa Ramcke fora embora à tarde. Katz e Hilda estavam sozinhos de novo. As horas arrastavam-se. Katz tinha os olhos na lareira. O relógio do vestíbulo bateu as horas. O som era lento, musical.

— Vou para o meu quarto — anunciou Hilda, levantando-se e bocejando. — Se achar conveniente, chame-me quando o Sr. Hrimaldi chegar.

Ela afastou-se. Katz avivou o fogo da lareira. Estendeu as pernas, procurando uma melhor posição. Começou a sentir-se sonolento, e fechou os olhos duas vezes, apesar de seus esforços para manter-se acordado. Passaram-se alguns minutos em que se ouvia somente o ruído das achas queimando. Uma nota alegre naquela sinfonia de horror.

Uma silhueta alta assomou-se ao umbral da porta.

A mulher sorriu ao ver o homem adormecido. Aproximou-se devagar e beijou-o na boca.

— Cada dia sinto-me mais jovem, meu amor — sussurrou. — Breve, você e eu seremos muito felizes... como nenhum outro mortal nunca foi.

De repente, sua atenção foi chamada para as mãos do rapaz, apoiadas à cadeira.

— Oh, você não tem...

Tirou um anel com gesto nervoso, colocando-o no dedo anular esquerdo do rapaz. Inclinou-se para beijá-lo de novo.

— É uma prova do meu amor — cochichou, antes de dar meia volta e afastar-se.

Katz ficou novamente sozinho. E novamente o carrilhão do vestíbulo quebrou o silêncio, batendo as horas,! com o seu som lento, musical...

Antes mesmo que terminasse, um outro som acordou Katz, sobressaltado. Era um grito horrível, vindo do primeiro andar. Hilda pedia socorro.

Hilda conseguiu dormir, afinal, vencendo o medo que sentia. O sono foi repentinamente interrompido por um leve ruído. Abriu os olhos devagar e olhou ao redor, mas não viu coisa alguma. Pensou que talvez tivesse sido alguma madeira que havia rangido em algum lugar. Coisa comum em casas velhas.

Tentou dormir outra vez, mas sentiu-se dominada por estranha opressão, havia alguém no quarto.

Abriu os olhos e vislumbrou na semi-penumbra, um rosto, a dois palmos de distância. O homem estava vestido de negro, inclinado sobre ela. As chamas da lareira permitiam que ela visse seu rosto.

Hilda sentiu um terror imenso ao contemplar aquele rosto espantoso, que parecia o de uma gárgula esculpida em pedra, sobrancelhas muito grossas, olhos que brilhavam como fogo, enormes cicatrizes...

Ela soltou um grito alto que assustou o homem. Ele girou sobre si mesmo e desapareceu. Hilda não prestou atenção no caminho tomado pelo desconhecido, estava muito apavorada para prestar atenção a esse detalhe.

Correu para a porta, abrindo-a, gritou:

—Dieter! Dieter!

O rapaz já subia as escadas de quatro em quatro. Hilda correu para ele, descalça, e sem se importar com sua fina camisola que mal conseguia esconder as formas delicadas do seu corpo.

—Um homem... horrível... — gemeu ela — parecia uma máscara... estava inclinado sobre mim.

—Onde está ele?

—Entrou no meu quarto. Não sei como... —

— ela tremia, pendurada ao pescoço de Katz. — Pensei que ia matar-me.

Katz separou-se da moça e entrou no quarto, empunhando um atizador com firmeza.

—Não há ninguém aqui — falou.

—Sei o que deve estar pensando, que eu tive um pesadelo. Mas não foi pesadelo. Eu acordei com aquela cara medonha me encarando com aqueles grandes olhos, que mais pareciam duas bolas de fogo!

Katz avançou alguns passos, apanhou o robe de Hilda e estendeu-o à jovem.

—Vista-se — disse — ou vai pegar uma pneumonia.

Hilda obedeceu, ainda trêmula. Katz examinou as paredes com os dedos, sem descobrir coisa alguma.

—Esteve aqui, juro. Não sei o que queria, mas tinha um rosto diabólico.

—Ele falou alguma coisa?

— Não, nada, Sr. Katz, o que há nesta maldita casa?

—Não sei, mas estão ocorrendo coisas estranhas! — concordou, erguendo a mão esquerda num gesto maquinal. — Hilda, veja! — Exclamou, quando descobriu o anel em seu dedo.

A moça aproximou-se. Na mão esquerda de Katz brilhava um anel de brilhantes com um rubi no centro.

—Que beleza! De onde o tirou?

—Não roubei da múmia da condessa — disse ele, depois de encarar a moça em silêncio. — De qualquer forma, seria estupidez roubar o anel e exibi-lo depois, não acha?

—Claro. Sugiro que devemos ir à cripta para ver se o anel está lá ou não.

Katz concordou e deixaram o quarto, Hilda caminhava colada ao rapaz, olhando com medo para um e outro lado. Momentos depois, chegavam ao subterrâneo, sempre iluminado.

Katz acercou-se do ataúde, percebendo a falta do anel na mão direita da condessa. Vacilou, surpreso. Hilda olhava para ele com interesse.

—Acha que ela saiu do caixão para lhe entregar o anel? — Perguntou.

Katz não disse nada, a mente confusa e transtornada.

—Dieter, as cortinas! — Exclamou Hilda, subitamente.

O rapaz olhou para as cortinas que tampavam agora toda a parede. Sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Hesitou durante alguns segundos, aproximou-se da parede e abriu as cortina.

Hilda estava de costas, sem ousar olhar.

— Dieter...?

—Sim — respondeu Katz, com ar sombrio e voz; ligeiramente trêmula. — Udo Von Hrimaldi está aqui. Sem rosto.

Foi demais para a jovem. Sentiu as pernas fracas e caiu ao chão, enquanto Katz examinava o cadáver. Vonj Hrimaldi tinha morrido também com o peito perfurado por uma agulha. Depois de alguns instantes, Katz reuniu coragem e tocou o rosto sem feições.

Era uma carne fria e branca. Desconcertado, o rapaz perguntou-se que morbidez terrível impelia o assassino a fazer desaparecer as feições de suas vítimas.

—Ficarei aqui — falou, tomando uma decisão repentina — até que venham fechar a parede.

Seria lógica que o assassino viria fechar a abertura. E então...

—Hilda, volte para o seu quarto — ordenou, viram; do-se com surpresa, ao ver que a moça não respondia.

Teve um choque em não ver a moça.

—Hilda! — gritou.

—A... aqui... — disse ela, com voz fraca. — Acho' que desmaiei.

katz deu a volta ao túmulo, ajoelhando-se ao lado de Hilda que tentava erguer-se. Ele suspendeu-a com firmeza.

—Será melhor voltar ao seu quarto.

Hilda soltou um profundo suspiro, o braço direito em volta do pescoço do rapaz.

—Mas... não me deixe sozinha — suplicou.

—Sinto muito, voltarei ao subterrâneo até descobrir quem é que está abrindo e fechando aquela abertura na parede.

Hilda não teve forças para protestar. Instantes depois estava deitada no leito, anunciando que deixaria uma luz acesa.

—Boa idéia — sorriu ele, dando meia-volta e saindo do quarto.

Voltou ao subterrâneo, mas deteve-se de repente, ao chegar ao final da escada. A parede estava lá outra vez, a sala com a mesa e os cadáveres de Hesse e Von Hrimaldi tinham sido escondidos de novo.

—Há alguém oculto no castelo — disse Katz na manhã seguinte, enquanto enchia a xícara de café de Hilda.

—Mas, onde?

—Em algum lugar.

—A planta do castelo...

—Quase posso afirmar que foi falsificada ou, não colocaram nela as passagens secretas que existem aqui.

—Ê o mais provável, mas a planta verdadeira pode encontra-se em alguma parte...

—Acho que tem razão, o problema é encontrá-la.

—E se foi destruída?

—Não é provável, uma vez que nem mesmo o desconhecido que anda pelo castelo tiraria proveito disso. Ele copiou a planta, simplesmente, suprimindo as passagens secretas.

—E a parede da cripta?

—É uma parede móvel, com certeza acionada por algum mecanismo que desconhecemos. Mas, é óbvio que o assassino gosta de exibir os seus crimes.

—Hesse e Von Hrimaldi morreram com o coração atravessado por uma agulha bastante comprida. Antiga-, mente as mulheres a usavam para prender os chapéus... talvez o assassino seja... a Condessa Margo.

Houve um instante de silêncio.

— Ela sai do caixão à noite — falou Hilda.

—Então, não sonhei na primeira noite — disse; Katz, pensativo, baixando os olhos para o anel. — ontem, adormeci na poltrona. Ela veio e eu não percebi. I

—Ela morreu há sete anos. Como pode estar viva? De novo, o silêncio. Katz falou, de súbito:

—Está noite irei ao subterrâneo e ficarei lá até amanhecer, sem dormir. Se a condessa sair do caixão, eu a verei.

O telefone soou nesse instante. Hilda teve um sobressalto. Katz correu para o aparelho.

—Sr. Katz? Sou o cabo Piver.

—Alguma novidade, cabo?

—Sim, prendi Warlass, que confessou ter roubado as armas.

—Ótimo, cabo.

—Eu mesmo poderei levar as armas, se o senhor quiser.

—Não, obrigado, cabo. Fique com elas em seu escritório. Eu lhe direi quando chegar a ocasião de trazê-las.

—Como queira. Quando me for possível, levarei a denúncia contra Warlass para que o senhor a assine.

—Certo, mas fique com as armas até eu pedi-las.

—Combinado, Sr. Katz — disse o cabo e Katz desligou.

—Por que não quer que Piver traga as armas? — Indagou Hilda, que tinha ouvido a conversa.

Katz sorriu.

—Simplesmente porque não sei manejá-las muito bem, mas talvez o assassino necessite delas e assim, não poderá utiliza-las. Creio que será mais seguro para nós que essas armas fiquem em poder do cabo Piver.

—Acho que tem razão — concordou ela — mas não disse nada ao cabo sobre a morte de Von Hrimaldi.

—Para quê? Piver não está desejoso de investigar, e como mostrar-lhe os cadáveres sem rosto?

—É verdade. O assassino faz desaparecerem as feições das vítimas, realmente?

—Sim — respondeu Katz, sentindo nos dedos o contato de um rosto sem feições, enquanto erguia os olhos para o quadro, onde os oito sócios da condessa estavam retratados.

A poltrona era de espaldar reto. Katz preferia assim para evitar adormecer; e para vigiar, trouxera consigo uma garrafa térmica com café e uma xícara. E também cigarros, velas e uma mesinha.

Hilda trancara-se em seu quarto antes das nove horas. Katz estava sentado a cinco passos do túmulo. O silêncio era absoluto, interrompido apenas pelas batidas do carrilhão do vestíbulo. As horas passavam lentamente. De vez em quando, Katz levantava-se e dava uma volta para estirar as pernas e combater o sono. Em uma dessas vezes acercou-se do túmulo, inclinando-se sobre o caixão.

Margo Von Djaronvyi parecia dormir. Katz fixou os olhos no peito da condessa, onde não se percebia o menor movimento.

Tocou o anel, sentindo a tentação de devolvê-lo à condessa, mas pareceu-lhe imprudência levantar a tampa do ataúde.

— Por que não acorda? — Perguntou ele certa vez, como se ela pudesse ouvi-lo.

Atrás dele uma grande lousa se ergueu do chão em silêncio. Um braço apareceu, colocando alguma coisa na garra de café. A pedra baixou de novo, sem que Katz notasse coisa alguma.

Pouco depois, ele voltou à cadeira, tomou uma xícara de café, acendeu um cigarro e minutos mais tarde sentiu o cérebro entorpecido. Compreendeu que ia dormir. Lutou com desespero para manter-se desperto, porém, a sonolência era irresistível. Os olhos se fecharam. Dentro de alguns segundos, tinha a cabeça inclinada sobre o peito. Estava dormindo.

Capítulo 8

Nova Visita Em Margopalast

Quando amanheceu, Hilda dirigiu-se ao subterrâneo e viu a cadeira vazia. Imaginou que Katz dera a vigília por terminada. Então, voltou à cozinha, onde preparou o café da manhã.

Katz não apareceu e ela subiu ao primeiro andar, batendo à porta do quarto do rapaz. Ninguém respondeu. Nervosa, abriu a porta e viu Katz adormecido na cama.

"Claro, passou a noite acordado" — conjecturou.

Foi quando notou que Katz estava vestido e perguntou-se por que ele não trocara de roupa ao deitar-se..., um sinal de alarme chegou ao seu cérebro.

Correu para a cama, sacudindo Katz com força. O rapaz murmurou palavras ininteligíveis, mas não acordou.

Hilda pensou que era preciso agir drasticamente. Foi ao banheiro, encheu uma vasilha de água e voltou ao quarto. A água foi atirada em cheio sobre o rosto de Katz, que se agitou no mesmo instante.

—Vamos, Dieter, acorde! — Exclamou ela, sacudindo-o.

—Olá, condessa — ele abriu os olhos, sorrindo. — Vejo que saiu do caixão.

—Eu não sou a condessa, sou Hilda. Dieter! O que há com você?

Katz despertou totalmente, então compreendendo que se encontrava em sua própria cama.

—Ei! Quem me trouxe para cá? — Indagou.

—Você mesmo, claro. Terminou a vigília e...

—Não — ele sentou-se — não a terminei. Dormi.

—Tem certeza?

—Claro! A história se repete, primeiro foi você e agora eu.

—É, assim parece...

—Enquanto eu dormia, alguém me trouxe para cá.

—Dieter, você deve pesar uns oitenta quilos. Não seria fácil carregá-lo até aqui.

—Então, só existe uma explicação — disse ele, olhando ao redor — alguém colocou narcótico no meu café.

—Como pode ser isso se foi você mesmo quem o preparou? — disse Hilda.

—Foi lá no subterrâneo, não há a menor dúvida.

—Então, você dormiu cedo.

—Não. Estou certo de que fiquei acordado até as três da manhã. Foi então que senti sono. Quis lutar contra ele, porém, não consegui.

Katz levantou-se e dirigindo-se ao banheiro, jogou mais água sobre o rosto.

—Eu tomei umas três xícaras de café — gritou, para que Hilda pudesse escutá-lo. - A primeira às dez da noite e a segunda à meia-noite. A terceira estava com narcótico.

— Não entendo.

—Ninguém entende nada aqui.— disse Katz, deixando o banheiro com uma toalha nas mãos. — Exceto uma coisa, eu não vi quando colocaram narcótico na garrafa. Naturalmente, foi durante o tempo em que fiquei de pé, olhando para a condessa.

— Tudo bem, só que não compreendo a razão.

—Hilda, a condessa sai do seu caixão todas as noites! Não queriam que eu a visse de pé.

Hilda escancarou a boca. Mas, antes que pudesse emitir um som, ouviu-se uma voz no vestíbulo.

—Ei, não há ninguém em casa?

Katz e a moça desceram as escadas correndo. Uma mulher de uns quarenta anos, bonita, elegante e sofisticada, estava parada no centro do Hall com uma pele cara ao redor do pescoço..

—Sou Carol Maashrin — apresentou-se ela.

Katz lembrou-se do nome, imediatamente. Era a única mulher, além da condessa, que fizera parte daquela estranha sociedade.

—Sou Dieter Katz, o novo conservador — disse ela, — Esta é a Srta. Fehling, minha secretária.

—Ah, muito bem — Carol sorriu — aquele Luttel mexia com os meus nervos sempre que o via.

Luttel morreu, Sra. Maashrin.

—Oh... bem, é pena, embora não seja razão para choros — falou com indiferença. — Minha bagagem ainda está no carro.

—Eu cuidarei dela — disse Lisa, surgindo, de repente.

—Ah, está aqui...

—Claro, venho todos os dias às oito em ponto, — disse a Sra. Ramcke com ar ofendido. Como vai a senhora?

—Bem. E você, Lisa? — Sorriu Carol.

—A senhora poderá ocupar o quarto de hóspedes que preferir — disse Lisa.

Carol agradeceu, encarou katz e sorriu de novo.

—Se o senhor não se opuser...

—Estamos às suas ordens, senhora — respondeu Katz.

A recém- chegada dirigiu-se ao primeiro andar.

—O que será que ela veio fazer? — Murmurou Hilda, instantes depois.

—Saberemos mais tarde. Agora vamos procurar uma coisa importante, a planta autêntica do castelo.

Entregarem-se à tarefa, começando por remexer livros e gavetas do escritório. Duas horas depois, soou uma voz do andar superior.

—Sr. Katz!

Hilda e o rapaz trocaram um olhar.

—Vou ver o que a Sra. Maashrin quer — disse ele. — Continue procurando.

Hilda sacudiu a cabeça, concordando, enquanto Katz subia as escadas. Viu uma porta entreaberta e bateu de leve.

— Entre, por favor.

Katz empurrou a porta. Carol estava sentada diante da penteadeira, ocupada com os cabelos louros.

—Sr. Katz, quero-lhe dizer uma coisa..., essa moça, sua secretária... não será a condessa?

—A condessa está na cripta, poderá comprová-lo.

—A semelhança entre as duas é notável. O que acha o senhor?

—Apenas coincidência. É raro, mas às vezes acontece um caso assim.

—Margo sempre foi excêntrica, acreditava que podia ressuscitar. Claro que quem colocou essas idéias em sua cabeça foi o Dr. Dubmeier.

Katz mostrou surpresa ao ouvir o nome do médico.

—Sim — ajuntou Carol — o médico que lhe devolveu o rosto juvenil. Acho que ele tinha descoberto um modo de evitar a morte. Eu gostaria que ele tratasse de mim... não agora, claro.

—A senhora conheceu Dubmeier? — Perguntou

Katz.

—Conheci — Carol riu — ele quis fazer uma operação plástica em mim, mas eu lhe disse que ainda era cedo para isso. Não acha que tenho razão, Sr. Katz?

—A senhora parece uma menina de quinze anos — disse ele com galanteria.

—Verdade? — Ela o encarou fixamente.

—Claro, senhora.

Carol riu de maneira estranha. Levantou-se, aproximando-se de Katz e detendo-se quando seu corpo roçou o dele.— Eu gostaria de me tornar a proprietária de Margopalast. O senhor nunca perderia seu emprego.

—Talvez a senhora mudasse o nome do castelo para Carolpalast.

—Inteligente — riu ela e Katz compreendeu que a mulher o estava provocando, mas não querendo cair na armadilha, afastou-se um pouco. — Está com medo de mim? — Perguntou Carol.

—Sempre tenho medo das mulheres bonitas.

—Prova que é inteligente. Estou contente por tê-lo encontrado aqui.

—Eu digo o mesmo, senhora. Gostaria de conversar com a senhora mais tarde. Temos muito sobre o que falar. Quero saber que tipo de negócios havia entre a condessa e as oito pessoas daquele quadro.

—O seu cargo aqui — o sorriso morreu no belo rosto de Carol — não lhe dá o direito de saber de certas coisas.

—Eu acho que devia falar, senhora. Karl Hesse e Udo Von Hrimaldi foram assassinados.

Carol escancarou a boca, enquanto Katz deixava o quarto.

—O que foi que ela disse? — Perguntou Hilda.

—Primeiro, mostrou-se insinuante, tentadora.

—E você resistiu com heroísmo — caçou ela.

—Eu sei que ela não era sincera. Por instinto, Hilda.

—Você tem um instinto especial para as mulheres bonitas... e um pouco maduras?

—Não seja sarcástica, eu queria que ela falasse sobre o negócio que os oito tiveram com a condessa. Mas ela desconversou, dizendo que eu não tinha nada que me meter em assunto que não me dizia respeito.

—O que confirma as minhas suspeitas, o negócio não era honesto.

—Acho que tem razão, mas desconfio também de que as oito pessoas enganaram a condessa.

—E ela está se vingando agora. Ora, não acredite em lendas.

—Já houve dois crimes, não?

—Sim, mas não foi a condessa.

— Você parece muito segura disso — ele encarou Hilda com firmeza.

—Alguém está matando — ela corou de leve — como vingança, em honra à condessa.

—Talvez. Mas, o que você descobriu?

—Nada. Sinto muito, não sei onde procurar mais.

—Devemos insistir, não podemos desanimar.

Enquanto procuravam a planta do castelo, Katz pensou com amargura que aceitara aquele emprego de conservador do castelo Margopalast com a intenção de encontrar um local tranquilo para desenvolver um bom trabalho de pesquisa que lhe permitisse terminar sua tese.

No entanto, tudo saía errado. E ele encontrava-se no centro de um mistério, cuja solução não parecia possível.

A busca demorou-se por mais algum tempo e tornara-se infrutífera, os dois jovens nada encontraram, embora toda a biblioteca fosse vasculhada num verdadeiro pente fino. Se existisse uma planta real do castelo, efetivamente ela não se encontrava ali.

Mas antes que eles dessem a busca por encerrada, Carol apareceu, ficando na biblioteca durante algum tempo. Katz e Hilda a ignoraram, cortesmente.

—Vou voltar para o meu quarto — disse a mulher.

Após, sua saída, Katz e Hilda trocaram um olhar e sorriram.

—Creio que minha presença aqui deve ter atrapalhado os planos dela — comentou Hilda com um leve acento de malícia na voz e no olhar.

—Planos em que não estou nem um pouco interessado, se você quer saber.

—Será mesmo! — Ela continuou com o mesmo sorriso e acento malicioso na voz. — Vai me dizer que não reparou o olhar aliciante que ela lhe jogou?

Nesse momento ouviu-se um grito, vindo do andar de cima.

—É Carol! — Exclamou Katz.

Os dois subiram as escadas correndo. Viram Carol saindo de seu quarto com uma foto na mão.

—O que significa isto? Que brincadeira de mau gosto é esta? — Perguntou.

Katz aproximou-se, apanhando a foto. Hilda olhou por cima do ombro do rapaz.

—Onde encontrou isto? — Perguntou Katz a Carol.

—Sobre o meu travesseiro. Quem fez isso, aproveitou o momento em que desci para a biblioteca. Não estou gostando nada disso.

Katz baixou os olhos para a foto onde apareciam três rostos em branco. O terceiro era o de Carol.

Katz aproximou-se, apanhando a foto. Hilda olhou por cima do ombro do rapaz.

—Onde encontrou isto? — Perguntou Katz a Carol.

—Sobre o meu travesseiro. Quem fez isso, aproveitou o momento em que desci para a biblioteca. Não estou gostando nada disso.

Katz baixou os olhos para a foto onde apareciam três rostos em branco. O terceiro era o de Carol.

—Eu também não gosto — falou Katz — mas vou dizer-lhe uma coisa. O Sr. Hrimaldi recebeu uma fotografia assim e morreu antes do fim do dia.

CAPÍTULO 9

Outra Vítima

—É verdade? — Perguntou Carol, estremecendo.

—Sim, senhora — replicou Hilda.

—Mas, por quê? Quem o matou?

—Talvez a senhora conheça os motivos melhor do que ninguém — murmurou Katz.

—Não há motivos para alguém desejar nossa morte — falou Carol com evidente receio. — Não entendo...

—Por que veio a Margopalast? — Indagou Hilda.

—É verdade, a senhora ainda não disse por que veio para cá.

—Não vou dar grandes despesas — ela ergueu o queixo — irei embora amanhã cedo.

—Desculpe, não quis ser grosseiro, senhora — falou Katz. — Pode ficar o tempo que quiser. E mais uma coisa: ficarei vigiando a noite toda para que nada lhe aconteça.

—Acha... mes... mo que...?

—É melhor prevenir, não acha?

— Eu também ficarei acordada — decidiu Hilda, talvez lembrando-se do que acontecera na noite anterior.

—Será muito trabalho... — disse Carol.

—Nenhum trabalho, senhora, ao contrário.

— Essa velha bruxa... — resmungou Carol, sem poder se controlar.

—Refere-se à condessa? — perguntou Hilda.

—Claro que sim!

— Eu gostaria de saber que tipo de negócios tiveram em comum — falou Katz.

— Sinto, mas esse assunto não lhes interessa — disse Carol.

—A condessa tinha uma coleção de jóias muito valiosas. A senhora as viu alguma vez?

—Apenas uma, ela não gostava de mostrá-las — respondeu Carol, com sarcasmo. — Tinha um cofre, mas ele apareceu vazio depois de sua morte. Talvez, no banco possam informá-lo.

— Sim, senhora.

—De qualquer forma, era uma idiota. Falava sempre de suas riquezas, de sua árvore genealógica. Alguns podem achar que nós a enganamos, mas acredite, fomos nós os enganados.

—Está bem, senhora. Depois do jantar, a Srta. Fheling e eu viremos ao seu quarto, e passaremos a noite aqui.

—Como quiserem, embora eu deva partir amanhã cedo.

Katz e Hilda retornaram ao andar térreo.

—O que acha, Dieter?

— Ela está com medo, tem um peso na consciência.

—Sou da mesma opinião e suspeito que ela veio aqui para procurar as jóias da condessa. Como Hrimaldi.

Nesse instante ressoou uma batida à porta. Katz atravessou o vestíbulo. Abriu e viu-se diante de um rosto conhecido.

—Entre, Sr. Reinhardt — convidou com voz grave.

—O senhor me conhece? — perguntou Reinhardt, um instante depois, enquanto atravessavam o vestíbulo.

—Seu rosto está no quadro do escritório da condessa — explicou Katz.

—Entendo.

—Albrecht! — exclamou alguém, e os dois homens se voltaram.

—Carol, o que está fazendo aqui? — Indagou o recém-chegado, erguendo os olhos para o alto da escada, onde Carol se encontrava.

—Senti vontade de rever Margopalast — explicou ela. — Mas irei embora pela manhã.

—O mesmo aconteceu comigo — disse Reinhardt — e passarei a noite aqui com a permissão do Sr. Katz — voltou-se para o conservador com cortesia.

—Fique à vontade — respondeu Katz, delicado, enquanto Carol descia ao Hall, convidando Reinhardt para tomar um drinque com ela na biblioteca.

Katz e Hilda trocaram um olhar significativo, pensavam a mesma coisa.

—Imagina por que esses dois estão aqui? — Perguntou o rapaz, aproximando-se de Hilda.

—São dois trapaceiros, o lugar não lhes interessa em absoluto — disse Hilda.

—Eles querem as jóias..., mas onde estão elas? — Perguntou Katz, ficando em silêncio para acrescentar depois: — Bem, acho que é melhor prepararmos o jantar, não?

—Está bem, Dieter.

Durante o jantar, Katz falou de seu medo sobre o possível assassinato de Carol. Reinhardt caçoou, jovial, das apreensões do rapaz.

—Não tenho medo de fantasmas — falou — e não acredito em ressurreição. A única que se tem notícia até hoje é a de Lázaro, por Jesus Cristo. Se alguém me atacar, se dará mal, posso garantir.

Exibiu um revólver muito grande, que tirou de sua jaqueta, agitando-o no ar. Voltou-se para Carol:

—Você também não acredita em fantasmas, não é, querida?

—O Sr. Katz e sua secretária vão proteger-me esta noite — respondeu Carol, com um sorriso de leve ironia.

Uma hora mais tarde, Hilda abriu a porta do quarto de Carol e disse a Katz que podia entrar. Katz acercou-se. Carol estava sentada na cama, com um livro nas mãos e vestindo uma camisola de transparência perturbadora.

— Sentem-se — convidou, com ar brincalhão, e Hilda lhe ofereceu café. Carol recusou com um sorriso: — Não, obrigada, o café me tira o sono.

Os olhos de Carol estavam fixos em Katz. Num momento em que Hilda lhe deu as costas, inclinando-se para a garrafa de café, Carol enviou um Beijo a Katz com um gesto inequívoco dos lábios. Ele ficou impassível, satisfeito por Hilda estar ali.

Não lhe desagradava uma aventura, mas achava que o lugar e as circunstância não eram apropriadas para ter um caso com a exuberante loira.

O carrilhão do vestíbulo bateu meia-noite. Pouco depois, uma porta abriu-se silenciosamente no andar superior.

Reinhardt examinou o corredor. Depois, calçando sapatos de lona, saiu do quarto, dirigindo-se à escada. Instantes após, estava na cripta.

Aproximou-se do túmulo, passo a passo. Um sorriso egoísta surgiu em seus lábios e murmurou:

— Durma bem, bruxa maldita.

Olhou para a condessa durante alguns instantes e disposto a abrir os ferrolhos que fechavam o caixão. Então, sentiu mãos de gelo em sua garganta.

— Não toque nela, patife!

Reinhardt debateu-se com fúria, mas tinha sido apanhado de surpresa e apesar dos seus esforços, não pode libertar-se do que parecia um colar de aço em volta de seu pescoço. Os dedos apertavam com mais força e Reinhardt começou a perder a

consciência. Ruídos, que não pareciam humanos, foram ouvidos e pouco depois um cadáver jazia no frio chão de pedra.

—Só eu tenho o direito de estar presente quando ela ressuscitar de uma vez.

A cabeça de Hilda tombou sobre o seu peito e Katz deixou-a cochilar um pouco. Carol dormia tranqüilamente. Katz acendeu um cigarro e serviu-se de uma xícara de café.

Antes de tomá-lo, provou o líquido com a ponta da língua, porém, não sentiu nenhum sabor estranho. Hilda estremeceu, de súbito, abrindo os olhos.

—Desculpe, cochilei — disse.

—Quer café? — Ofereceu Katz.

Ela tomou o café e sentou-se de novo. Sem poder controlar o bocejo.

—Desculpe — falou, sorrindo.

—Não se desculpe — respondeu o rapaz.

Passaram-se alguns minutos. A luz apagou-se de repente. Katz ficou rígido e Hilda pediu, em voz alta, que ele acendesse uma vela.

—Não grite — disse ele, apanhando o isqueiro e acercando-se de um castiçal colocado sobre um console. Acendeu duas velas e dirigiu-se à porta.

—Vou examinar os fusíveis. Talvez algum deles...

—Espere que amanheça, não me deixe aqui sozinha — suplicou Hilda.

Katz vacilou um momento, mas acabou concordando.

—Talvez seja um defeito passageiro na rede elétrica — comentou ele.

—Estamos melhor aqui — falou a moça. Passou-se um minuto, Katz percebeu que as velas soltavam uma estranha fumaça. Espirais de cor esverdeada saíam do alto das chamas. Um odor agradável começou a invadir o quarto.

—Hilda... — ele se ergueu com nervosismo, mas quase instantaneamente sentiu-se dominado pela fraqueza, obrigando-o a sentar-se. Lutou com desespero contra a impotência e a letargia que se apoderava dele aos poucos, embora tivesse consciência que seu esforço seria inútil, também não dormiu completamente. Manteve-se acordado, incapaz de mover-se. Nem sequer tinha forças suficientes para virar a cabeça e, por isso, não pôde ver que Hilda encontrava-se nas mesmas condições. Ele estava sentado diante da cama e podia ver Carol, embora através da névoa que principiava a tomar conta do quarto. Através dela viu que o rosto da mulher começava a desaparecer.

Gritou, sem que nenhum som saísse de sua garganta. Era apenas a idéia de gritar para avisar Carol, sem conseguir articular uma única palavra. Estava totalmente imobilizado por aquela estranha paralisia, que parecia ser provocada pela névoa. Pareceu-

lhe que Carol se debatia, somente que tudo estava cada vez mais confuso, porque a névoa tornava-se cada vez mais espessa.

No último instante viu que o rosto de Carol desapareceu. Então, tudo se tornou escuro à sua volta.

Capítulo 10

Mais um Corpo no Cenário da Morte.

Abriu os olhos e olhou ao redor. A cama de Carol estava vazia, e as recordações da noite anterior vieram-lhe imediatamente.

—Hilda — chamou.

A moça agitou-se, murmurou palavras incompreensíveis.

Katz quis levantar-se, todavia, suas pernas não lhe obedeciam ainda.

—Acorde, Hilda! — Gritou.

—Dieter... — ela ergueu a cabeça sonolenta.

Com esforço, Katz conseguiu levantar-se e indo ao banheiro, molhou o rosto com água fria e voltou ao quarto.

—Acorde, Hilda! — Insistiu, salpicando o rosto da moça com a água da toalha molhada.

—Oh, Dieter... — gemeu Hilda — tive um sonho horrível...

—Acho que esse sonho foi muito real...

Ela tentou entender. Olhou para a cama e viu-a vazia.

—Carol desapareceu! — Gritou.

—Exatamente — confirmou ele — e levaram-na diante de nossos narizes!

—Como pode ser isso, Dieter? Eu mesma fiz o café, não estava com narcótico — falou ela.

—Não foi o café. Lembra-se de que a luz apagou?

—Sim, e você acendeu duas velas...

—Que lançaram uma estranha fumaça, que nos narcotizou e nos fez dormir.

—Dieter, alguém provocou a falta de energia para que nós acendêssemos as velas. Foi uma armadilha.

—O que está acontecendo, Dieter? — Havia medo no bonito rosto de Hilda.

—Acendi duas, mas veja, estão intactas agora, como se nunca tivessem sido usadas.

—Aposto — disse Hilda, aproximando-se do castiçal — que as velas poderiam ser acesas, sem nenhum receio da fumaça narcotizadora.

—É provável — admitiu ele — e também...

Aproximou-se da porta e tocou o interruptor. A luz do teto acendeu-se no mesmo instante.

—Não há dúvida, foi uma armadilha em que caímos por absoluta ingenuidade, Hilda — ajuntou, preocupado,

—Dieter, estou quase certa de que Carol... encontra-se agora... no subterrâneo.

—Vamos ver — disse Katz, concordando com a observação de sua secretária.

Puseram-se a correr de mãos dadas. Através das janelas percebia-se a claridade de um novo dia. Katz calculou que tinham dormido durante umas quatro horas, no mínimo. Mas não havia ilusão quanto a morte de Carol Maashrin.

Chegaram à porta da cripta. As cortinas estavam abertas. Havia quatro corpos sentados em cadeiras. Todos tinham uma característica comum, a falta de rostos.

Carol, sentada numa das cadeiras, vestia ainda a camisola transparente que usara para dormir. No seu peito, entre os seios, via-se um filete de sangue, que escorria para o colo. Só que naquele cenário macabro, não havia apenas mais um novo corpo e sim também o de Reinhardt.

Katz procurou manter a calma. Havia algo estranho no cadáver de Reinhardt, que destoava dos demais. Acercou-se, inclinando o corpo para a frente. Reinhardt também estava sem rosto, mas havia marcas arroxeadas em seu pescoço, de significado inconfundível.

—Ele foi estrangulado — disse Katz.

—Vou embora daqui — gemeu Hilda. — Não quero, continuar neste lugar horrível.

—Hilda — Katz segurou-a pelo braço — não sei se faço bem, mas pretendo ficar. Parece-me que é meu dever... nosso dever...

—Não vê que os próximos podem ser nós! — Exclamou a moça, visivelmente nervosa.

—Discordo de você — disse Katz. — Seja quem for o autor dessas mortes, não nos deseja fazer mal algum, se quisesse já o teria feito — e concluiu com um sorriso nervoso: — Lembre-se que não estamos naquela fotografia fatídica. Os retratados é que parecem ser os eleitos da morte.

Hilda vacilou, de repente lembrou-se.

—Sim, acho que tem razão — falou afinal. — Só que agora me lembro..., Reinhardt não disse nada a respeito de ter recebido a fotografia de advertência.

Katz. voltou-se para a abertura e revistou as roupas de Reinhardt. Encontrou um retrato e estendeu-o à moça.

— Sim, ele recebeu — falou em tom grave.

—Dieter, acho que devíamos insistir com o cabo; Piver para que tomasse alguma providência — falou Hilda, depois do café da manhã. — Pense que já aconteceram quatro mortes.

—E ainda restam quatro pessoas de quem a condessa quer vingar-se.

—Ela não é a assassina, Dieter.

—Você já disse isso antes. Por que está tão segura? — Perguntou ele, franzindo a testa.

—Simplesmente porque múmias não se erguem de seus sarcófagos!

—Não é a resposta que eu esperava, mas vou aceitá-la..., por enquanto. E depois vou tratar de fazer o que eu devia ter feito desde o primeiro dia.

—O que é, Dieter?

—Procurar uma passagem secreta.

—Mas, e a planta? Não a encontramos em lugar algum.

—Esqueçamos a planta. A condessa entrou no meu quarto e, asseguro-lhe, não fez pela porta.

—Você sonhou.

—Não caçoe de mim. Pensei, a princípio, que se tratava mesmo de um sonho, só que eu sei agora que não foi. A condessa visitou-me em meu quarto. Ou foi você, vestida com o traje igual ao que ela está usando no caixão?

—Acha que eu seria capaz de uma brincadeira dessas? Escute, não quer que eu acredite que a condessa abandona seu esquife à noite para dar um passeio pelo castelo, não é?

—Eu não estranharia — disse Katz sério — mas não devemos esquecer que você também viu uma cara horrível em sonho.

—Foi realidade — protestou Hilda. — Vi o homem realmente. Seu rosto era como o dessas gárgulas das catedrais, que representavam animais mitológicos, com rostos de homem em forma quase animal. Muitas vezes, o arquiteto vingava-se assim de um inimigo.

—Eu sei — resmungou ele — mas gostaria de encontrar esse tipo com rosto de gárgula para conversar um pouco com ele.

—Dieter — ela se pôs de pé — você falou em procurar uma passagem secreta. E se perguntássemos à Sra. Ramcke?

—Tolice, ela só se preocupa com a limpeza do castelo. Mesmo que você lhe falasse dos quatro assassinos, continuaria tranqüila.

Hilda pensou que Katz tinha razão. Lisa parecia ser o tipo de pessoa que passa a vida toda ocupando-se apenas do seu trabalho. Também, o salário que ela recebia para cuidar de Margolast era ótimo em relação ao que poderiam pagar-lhe em Pogger, por isso era mais urra motivo para se omitir em qualquer assunto que não lhe dissesse respeito.

—Dieter, sente-se na cama e procure recordar, com a máxima exatidão possível, o momento em que viu a condessa pela primeira vez.

Katz obedeceu, deitando-se, a cabeça no travesseiro.

—A casa estava às escuras — explicou ele. — Havia claridade vinda da lareira... agora me lembro... ela passou diante da lareira e durante alguns segundos escondeu o brilho das chamas. Aproximou-se da cama, inclinou-se sobre mim... e beijou-me.

—Homem feliz — disse Hilda, com ironia. — Então, ela passou diante da lareira.

—Sim, como se saísse de algum lugar à direita...

—Então, não há dúvida... — ela bateu com os nós dos dedos na lareira — a condessa teve que sair por aqui.

Katz saltou da cama, acercando-se da parede à direita da lareira. Bateu com força, mas não percebeu nenhum som oco.

—A parede pode ser muito grossa — comentou a moça.

O quarto era do pesado estilo rococó, de duzentos anos atrás. Os dedos de Katz tatearam com paciência as numerosas molduras douradas da parede. Naquele local havia um medalhão oval, com o retrato de uma dama vestida com trajes do século XVIII.

—Gire o medalhão, Dieter — pediu Hilda, tendo uma repentina intuição. Dieter segurou o medalhão com ambas as mãos e girando-o para a direita, não cedeu quando fez o mesmo movimento para a esquerda, ouviu-se um rangido. Uma porta abriu-se na parede, girando lentamente para dentro.

—Conseguimos! — Exclamou Hilda.

—Você — corrigiu ele. — Mas como adivinhou sobre o medalhão...?

—Pareceu-me muito preso à parede. Um quadro com essas dimensões costuma estar pendurado em um só prego. Esse está, praticamente, colado à parede.

—Sim, tem razão. Devo reconhecer que você é uma excelente observadora.

Os olhos de Katz exploravam o túnel escuro que se abria diante deles. Havia uma escada de degraus de pedra e bastante inclinada, mas não se podia ver o final.

—Hilda, um castiçal — pediu.

A moça trouxe. Katz acendeu as velas e começaram a descida. Tinham que caminhar um atrás do outro. A passagem era muito estreita, embora tivesse altura suficiente para se poder caminhar sem inconvenientes.

—Dieter, quem construiu esta passagem? E por quê?

— Talvez o primeiro dono de Margopalast! E se a passagem leva a um quarto, podemos imaginar o seu objetivo.

—Visitar uma dama sem que ninguém visse.

—As aventuras amorosas sempre existiram...

Quando chegaram ao final da escada encontraram uma pequena clareira com três túneis. Dieter e Hilda ficaram perplexos.

—Qual deles, Dieter? — Perguntou a garota.

—Não temos pressa, exploraremos os três.

Katz optou pelo corredor à esquerda. Alguns metros adiante, divisaram o corpo de um homem pendurado à parede por meio de uma corrente, que rodeava sua cintura. Hilda soltou um grito de horror.

— Meu Deus! É... Luttel! — Exclamou Katz.

Capítulo 11

As Máscaras da Morte

Katz levou alguns segundos para reagir diante d que via. Começava a acostumar-se com a descoberta d cadáveres, mas deparar com o de alguém que julgara t morrido afogado, deixava-o perplexo e surpreso. Aproximou-se. Não havia dúvida: Luttel estava morto.

—Mas, como pôde enganar-me? — Perguntou.

—É Luttel, não? — Indagou Hilda, de costas, par não ver o corpo. — Você disse que ele morrera afogado.

—Claro, e eu poderia ter jurado. Vi o seu carro cair no riacho. Certamente, o temporal e a escuridão não n permitiam ver. Ele bem poderia ter saltado do carro ant que ele despencasse da ponte.

—Isto significa que simulou o acidente para esconder-se aqui — disse Hilda.

—Sem dúvida alguma.

—Com que propósito?

—Hilda — resmungou ele — você faz muitas perguntas.

—Lamento, só quero saber a verdade. Você também, não?

—Claro. Desculpe-me, estou um pouco nervoso.

—Nós dois estamos — falou, compreensiva. — Do que morreu?

—Foi estrangulado. Uma corda muito fina, pelas marcas visíveis em seu pescoço.

—Acho que agora é preciso chamar o Piver, você não acha?

—Acho. Mas antes quero examinar o resto da passagem. Este túnel termina a poucos passos — disse ele, dando meia-volta e sorrindo para animar Hilda que estava muito pálida. — Vamos continuar — ajuntou.

Recomeçaram a exploração. No corredor central encontraram um caixote com garrafas e comida enlatada. Também havia uma cama e cobertas.

—É evidente que Luttel preparou tudo isto e pretendia ocultar-se aqui — explicou Katz. — Não sabemos os seus motivos, apenas sabemos que quis que o imaginássemos morto.

—Sim, parece claro. Como ele simulou o acidente?

—Simples — explicou Katz. — O terreno tem um desnível em direção ao riacho. Luttel soltou o freio do carro, deixando-o em ponto morto. O declive fez o resto. Chovia muito para que eu pudesse ver bem, embora estivesse na porta.

—Luttel queria esconder-se e seu propósito não era nada honesto — concluiu Hilda, — posso imaginar o que ele queria: as jóias da condessa.

—Passou tantos anos aqui e não foi capaz de encontrá-las?

Hilda deu de ombros.

—Não está aqui para explicar-nos a razão de sua atitude, mas sua morte me fez pensar que há uma outra pessoa escondida em algum lugar.

—Ali — apontou Katz.

No fundo do terceiro corredor via-se uma claridade.

Avançaram com medo. Katz não ficou surpreso ao encontrar a mesa e as oito cadeiras, quatro delas ocupadas por cadáveres sem rosto. Olhou para o teto.

—Alguns mecanismos fazem esta parede deslocar-se, expondo, no subterrâneo, a macabra instalação. Quando fechada para o subterrâneo, deixa esta abertura — explicou. — Só que ainda não atinei com que objetivo.

—Seja quem for, é um lunático. E como querer encontrar lógica nos atos de um louco?

Katz concordou com as deduções de Hilda que estava olhando com curiosidade os quatro cadáveres sem rosto.

—O que foi? — Ele perguntou.

—Dieter, estou pensando uma coisa: o primeiro que morreu foi Hesse, e isso ocorreu já há alguns dias.

—Certo.

—Há muito tempo para não ter cheiro.

Katz compreendeu o significado daquelas palavras.

—É verdade — concordou — deveria estar em estado de decomposição.

Mais entusiasmada, Hilda acercou-se de um dos cadáveres.

—Isso que eles têm em lugar do rosto é carne? — Indagou?

—Parece-me que sim -s- hesitou Katz.

Dominando o medo, Hilda aproximou-se ainda mais do cadáver de Carol. Estendeu a mão e roçou o rosto sem feições com as pontas dos dedos.

—Parece carne, mas... — mordeu os lábios — estou muito curiosa, Dieter.

—Por quê?

—Este rosto sem feições é uma máscara, simplesmente. Embaixo está o verdadeiro rosto.

—Parece que...

—As bordas de união com o resto da pele estão perfeitas, embora um bom maquilador de teatro ou cinema pudesse fazer o mesmo. Dieter, vou erguer esta máscara — decidiu-se.

—Espere, Hilda, eu farei isso.

Katz bateu com os dedos, encontrando uma leve abertura, onde introduziu as unhas. Puxou para fora. Ouviu-se um leve som, como o de uma fazenda ao rasgar-se. Katz puxou de novo e arrancou a máscara. Hilda lançou um grito de horror, enquanto Katz recuou alguns passos, igualmente horrorizado.

A visão era alucinante. Com exceção dos olhos, não restava nada do rosto de Carol.

Os ossos apareciam fundos, a descoberto. Seus dentes riam numa careta silenciosa. O contraste era ainda mais espantoso quando se notava a normalidade do resto da cabeça, a partir do nascimento do cabelo, junto às orelhas e desde o início do queixo. O rosto era somente uma caveira com olhos..., com uns olhos enormes, sem pestanas ou sobrancelhas.

Katz sentiu náuseas. Dominando o asco, estendeu as mãos e tampou com a máscara, novamente, o rosto descarnado.

"Onde estará a carne que faltava?" — Perguntou-se.

De repente, adivinhou que havia ainda algum local secreto no castelo. Em alguma parte de Margopalast realizavam-se experiências diabólicas. Quem as fazia? E com qual sentido?

—Dieter, vamos subir — disse Hilda — acho que não vou agüentar ficar mais tempo neste local.

Ele concordou, perguntando-se pelo mecanismo que fazia a parede correr daquele plano, onde havia uma sala montada com oito cadeiras, quatro das quais já estavam ocupadas. Decidiu que voltaria a investigar, inclusive, para descobrir a localização do laboratório secreto. Margopalast encerrava em si, várias interrogações.

— Vou telefonar para Fogger — disse Katz tão logo chegaram em cima. — O cabo Piver tem que ver a realidade e tomar as medidas cabíveis. O que ele não pode é ficar se omitindo com recusas ingênuas. Principalmente agora, que encontramos as passagens secretas.

—Acho que tem razão, Dieter. Esse cabo está se omitindo de algo que lhe afeta diretamente.

—Na verdade, é tudo muito complicado para ele, um simples encarregado do policiamento de uma localidade, onde nada de anormal acontece. Ele deve estar em Fogger mais para evitar os excessos de seus bêbados.

—Enquanto você telefona, vou preparar um café para nós.

— Bem lembrado — disse ele, encaminhando-se para o escritório.

Assim que o policial atendeu, Katz foi incisivo:

—Cabo Piver, o senhor tem que vir a Margopalast.

—Alguma novidade? — Perguntou no seu tom indolente.

—Será melhor saber quando chegar aqui, porém, já posso adiantar-lhe que o Sr. Luttel não morreu afogado, como pensava... faça o favor de vir o mais depressa possível.

—Está bem. Vou ser testemunha de um casamento agora. Irei a Margopalast assim que a cerimônia terminar.

—Obrigado, cabo — disse Katz, desligando o aparelho.

Não levantou-se de imediato da cadeira onde se achava sentado, atrás da grande escrivaninha. De olhos semicerrados refletia sobre o que haviam visto no subterrâneo secreto que ficava no mesmo nível da cripta.

Em dado momento, pareceu ter encontrado a resposta. Procurou em uma agenda que fazia parte dos livros de Margopalast e encontrou um determinado número de telefone.

—Senhorita — pediu à telefonista — preciso falar com Munique com urgência. O número é 711807. Avise-me quando a ligação estiver completada.

Hilda entrou, trazendo duas xícaras e uma cafeteira em uma bandeja. Colocou-a sobre a escrivaninha.

—Para quem vai telefonar em Munique? -- Perguntou ela, servindo o café.

—Para o Dr. Dubmeier.

—O cirurgião que operou a condessa?

—Exatamente.

Tomaram o café calmamente, aguardando a chamada da telefonista.

Não se passaram cinco minutos e o telefone tocou.

—Sou Katz, conservador de Margopalast — disse, atendendo. — É o Dr. Dubmeier?

—Sim, mas pensei que o conservador do castelo era outro.

—Estou aqui há uma semana. Quero fazer-lhe algumas perguntas, doutor.

—Do que se trata?

—Da operação de cirurgia plástica que fez na Condessa von Djaronyi, há uns sete anos.

—Ah, sim, eu me lembro. Uma senhora cheia de vitalidade... Bem, na verdade, o que fiz foi traçar o plano da operação, mas. quem se encarregou do resto foi o meu assistente, o Dr. Lukas Dittmar.

—Eu não sabia disso, doutor — murmurou Katz, surpreso.

—Como tenho muitos clientes eu não podia ficar no castelo até o restabelecimento da condessa, O Dr. Dittmar ficou... e escreveu-me depois, renunciando ao cargo que ocupava na minha clínica. Fiquei aborrecido porque ele era competente e com teorias científicas muito avançadas, um verdadeiro cientista na acepção da palavra.

—Entendo. Pode dizer-me onde vive agora o Dr. Dittmar?

—Sinto muito, nunca mais tive notícias dele.

Capítulo 12

O Que o Luar Revelou

O cabo Piver desceu de sua bicicleta e bateu com a aldrava, à porta do castelo. Hilda abriu-a para, ele.

—Bom dia, cabo. O Sr. Katz está no escritório. Vou avisá-lo da sua chegada.

—Obrigado, senhorita — Piver sorriu. — Como se parece com a condessa! — Ajuntou.

—Coincidência, apenas. Espere um momento, por favor.

Katz veio ao encontro do policial, tão logo Hilda anunciou sua chegada.

—Devemos ir ao primeiro andar — disse após cumprimentá-lo.

—O senhor estava em Fogger — perguntou, enquanto subiam os degraus — quando a condessa foi operada?

—Sim, claro, eu era um simples guarda.

—Conheceu os médicos que cuidavam dela?

—Vi-os umas duas vezes. O Dr. Dubmeier e o Dr. Dittmar.

—Que aparência tinha Dittmar?

—Ah, era um homem de boa aparência, atraente e bonito... como o senhor.

Hilda soltou uma risada. Katz olhou para ela com expressão de zangado, na face ligeiramente rubra.

—É verdade, parecia um ator de cinema, devia estar com uns trinta e cinco anos... Era um desses homens que tinham tudo para seduzir as mulheres.

—Assim como o Sr. Katz — pilheriu Hilda, continuando a rir.

Katz pareceu não ouvir o segundo comentário jocoso da moça. Tinha feição preocupada. A declaração de Piver pusera abaixo sua teoria sobre Dittmar. Quando chegaram ao quarto, Katz disse:

—Vou mostrar-lhe, cabo, a entrada da passagem secreta por onde se chega ao lugar em que se encontra o cadáver de Luttel. Ele foi estrangulado com uma corda.

Em seguida, agarrou o medalhão com ambas as mãos e forçou-o para a esquerda. No mesmo momento ouviu-se um ruído. Katz cambaleou e Hilda colocou uma das mãos em seu ombro, para ajudá-lo a manter o equilíbrio.

Com olhos assombrados, Katz contemplou o medalhão que tinha sido arrancado da parede e estava em suas mãos. Largou o medalhão e golpeou a parede com os punhos.

—Está aí. do outro lado da parede! — Gritou, descontrolado. — Hilda e eu passamos pela porta secreta e vimos o seu cadáver...

—Dieter... — disse ela.

Katz voltou-se, controlando-se. Piver sorria com sarcasmo. Katz olhou para a moça, que lhe piscou um olho.

—Lamento, cabo, não sei o que há comigo. Talvez tenha sido apenas um pesadelo.

—É o mais provável — disse o cabo, com cortesia e sempre impassível — mas, não deve preocupar-se; minha obrigação é atender a todos os cidadãos do meu distrito... ainda que seja em seus pesadelos.

Katz sorriu, embora notasse o tom irônico do cabo.

—Convido-o a beber comigo, cabo — talou.

—Aceito com prazer, Sr. Katz.

Piver saiu minutos depois. Katz e Hilda ficaram sozinhos novamente.

Katz estava encolerizado e bebeu um segundo copo para aliviar sua raiva.

—Cuidado, não beba demais — preveniu Hilda.

—Não se preocupe — retrucou ele, de mau humor. — Por que diabos a porta secreta não funcionou?

— Só pode ter uma resposta: o assassino descobriu que estivemos no subterrâneo e bloqueou o mecanismo depois que saímos de lá.

—E deve ter sido isso — concordou ele.

—Por isso pisquei o olho para você. Piver teria ficado convencido se tivesse chegado ao subterrâneo, mas desde que isso era impossível, achei inútil insistir. É melhor esquecermos a polícia, enquanto não tivermos provas evidentes do que anda acontecendo neste castelo. Percebeu que até agora não conseguimos mostrar nada palpável para o cabo?

— Mais uma vez sou obrigado a concordar com você Hilda. Mas, o assassino está disposto a continuar matando. Ainda restam quatro sócios vivos e que estão condenados à morte , Hilda.

—Por que não tentar entrar em contato com eles e prevení-los? Em alguma agenda deste escritório deve haver o endereço deles. Fale com eles, talvez digam alguma coisa que ajude a esclarecer todo este mistério.

—Não sei o que faria sem você — disse Katz.

—Vai gozando, vai — comentou a garota com um sorriso.

—É a pura verdade. Só desconfio de uma coisa: Dubmeier disse que seu assistente ficou aqui depois da operação e que tinha umas teorias muito avançadas.

—Sobre a ressurreição?

—Não especificou, mas suspeito de que se trate disso. Dittmar era um homem atraente e jovem. A condessa ia recuperar o seu rosto é possível que tenha se apaixonado por ele.

—Também acho bem possível... — ela ficou pensativa.

—E se as teorias de Dittmar tinham ligação com a ressurreição, minha suspeita do amor da condessa por ele tem lógica, Margo queria ressuscitar jovem e bela. O que mais poderia desejar, senão encontrar um homem belo e atraente à sua espera?

—Então, se Dittmar ficou aqui, aconteceu-lhe alguma coisa que ignoramos ainda. De uma coisa estou certa, Dieter: o homem que se inclinou sobre mim àquela noite, não era o Dr. Dittmar.

—Entendo, o homem não era bonito.

—Seu rosto era horrível!

—Não duvido. Só me resta perguntar: Onde está esse com cara de gárgula?

—Não sei — apontou para o telefone — acho melhor você começar a falar com os sócios que ainda estão vivos.

Hilda deixou o escritório. Ainda havia lugares em Margopalast que não tinham sido explorados. Mais cedo ou mais tarde, a planta verdadeira do castelo iria aparecer.

Uma hora mais tarde, Katz encontrou-se com a moça.

—Conseguí falar com dois deles — disse Katz — Hans Bagenau e Joseph Wahren. Quanto a Simpson, que vive na Inglaterra, eu soube que abandonou sua casa para, ao que parece, não enfrentar a justiça sobre um, assunto qualquer. Resta Villod, o francês que morreu há algumas semanas em um acidente automobilístico.

—Dois vivos, um morto e o outro com paradeiro ignorado— falou Hilda. — O que disseram os dois com quem falou?

—Foram coerentes em suas declarações: tiveram uma parte mínima no negócio e o deixaram quando acharam que o lucro não era compensador.

—Venda de jóias. Ao que tudo indica, Margo queria uma porcentagem maior como comissão, do que eles queriam conceder-lhe.

— Receberam os retratos com os rostos apagados?

— Não, e nem quiseram falar muito ao telefone. Disse-lhes que, se vierem a Margopalast devem encontrar-se comigo, antes de falar com qualquer outra pessoa.— Ótimo — aprovou ela. — Escute, acho que a condessa trouxe uma quantidade fabulosa da Hungria.— É o que parece, mas agora estou preocupado com as quatro cadeiras vazias. Quem está interessado em colocar ali quatro cadáveres? Nenhum dos dois sabia a resposta naquele momento. Há tempos que Hilda estava no quarto, sentada na cama, com um livro na mão. Sentia-se nervosa e sem sono. Após umas duas horas ali, julgou ouvir um leve ruído no andar térreo. O medo colocou um nó em sua garganta. Correu para a porta, certificando-se de que a tinha trancado. Olhou com receio para os dois castiçais que havia sobre a lareira. Estava determinada a não acender as velas, se as luzes se apagassem. Foi quando ouviu outro ruído, em um lugar diferente. Apagou a luz e levantou-se de novo. Colou a testa aos vidros da janela. A lua surgiu por entre as nuvens. Uma cena singular ofereceu-se aos seus olhos: a condessa passeava devagar pela esplanada da frente. E não estava sozinha.

Junto dela, Hilda viu um homem alto e robusto, de ombros largos, que oferecia o braço à condessa. Era evidente que Margo encontrava ainda certa dificuldade para caminhar. Após alguns momentos, voltaram ao castelo. Estavam de frente para Hilda, que pôde ver seus rostos. Apertou os lábios. O homem que estava com a condessa era o mesmo indivíduo com o horrendo rosto de gárgula que ela vira há algumas noites.

Capítulo 13

Aguardando a Ressurreição

—Não há a menor dúvida — disse Katz — a condessa conseguiu o que desejava.

—Ressuscitou... — Hilda estremeceu.

—Exato.

—Mas... ainda caminha vagarosamente.

—Está no período de rejuvenescimento — falou o rapaz.

Quem teria conseguido esse milagre? —Perguntou Hilda.

—Não há milagre, e sim ciência do Dr. Dittmar.

—Dittmar? O homem que estava com a condessa tinha um aspecto horrível, Dieter!

— Exclamou Hilda. — Não creio que era o Dr. Dittmar!

—Neste caso, quem é?

—Não sei, e gostaria de esclarecer outras coisas também. Onde esse homem viveu todo esse tempo? Como conseguiu alimentar-se, vestir-se... sem que ninguém soubesse? E, em que lugar do castelo esteve durante esses sete anos? A Sra Ramcke deveria tê-lo visto, não acha?

—Você faz perguntas demais —falou ele, mal-humorado. — Não vamos saber antes que ele mesmo nos conte.

—Como pretende conseguir que ele fale?

—Vigiando de novo, à noite.

—Será fatalmente narcotizado.

—Vou tomar minhas preocupações desta vez. Nada de narcóticos no café ou velas traiçoeiras.

—E quem garante que a própria lâmpada do quarto em que estiver não foi embebida numa substância narcótica que, ao ser acendida e conforme for esquentando irá liberando-a?

Katz sorriu:

—Você tem uma imaginação muito evoluída, Hilda.

—Só que tem uma coisa, Dieter: eu não vou ficar sozinha no quarto.

—Está bem, ficaremos os dois acordados e antes de acendermos a lâmpada, vamos lavá-la — ele concluiu, sorrindo.

Hilda encarou-o, pensativa.

—O que foi? — Perguntou ele.

—Tenho uma dúvida: se ficarmos em frente ao caixão, talvez a condessa não se levante.

—Já pensei nisso. Podemos esconder-nos. Ainda faltam muitas horas para anoitecer. Vou pensar em um local... só que há uma outra coisa que eu gostaria de saber.

—E o que é, posso saber?

—As razões de sua extraordinária semelhança com a condessa.

—Casualidade. Nunca ouviu falar em sócias?

—No seu caso, Hilda, acho que há muito mais do que simples curiosidade.

Ela ruborizou-se.

Katz pensou que não se enganava ao pensar em Hilda como a herdeira da condessa, que nunca aparecera antes. Uma herdeira não somente dos bens da condessa, mas também de seu físico, como demonstrava a notável semelhança entre as duas mulheres.

— Acho que é hora de preparar o almoço — disse Hilda, rompendo o silêncio que caíra sobre eles depois das últimas palavras de Katz.

—Sim, está na hora — concordou ele com voz indiferente, demonstrando que ainda se encontrava mergulhado em seus pensamentos.

Engatinhando, Katz batia no chão com um pequeno martelo. Hilda o encontrou às nove horas da noite, quando desceu ao subterrâneo.

—O que está fazendo? — Perguntou, admirada.

De repente, Katz se pôs a escutar. Repetiu duas vezes os golpes com o martelo e sorriu.

—Está aqui — falou. — Esta pedra tem largura suficiente para que uma pessoa possa passar, e parece, oca.

—Você acha?

—Na noite em que fiquei aqui, tomei duas xícaras de café. Estava sentado neste lugar. Alguém levantou a lousa, viu que eu estava distraído e colocou narcótico no café. Quando adormeci, fui levado para o meu quarto.

— Só um homem forte poderia tê-lo carregado, Dieter.

—O Dr. Dittmar é robusto.

—Esta noite — Hilda voltou os olhos para o caixão — nós a veremos levantar-se.

—Sim, e escolhi o lugar para ficarmos. Fez o que eu mandei?

—Fiz — concordou ela. — A menos que alguém toque na cama, tudo o que verá é o vulto de uma pessoa deitada. E agora, vamos ficar atrás daquelas colunas, imagino.

—Foi o melhor esconderijo que pude escolher para nós — explicou Katz. — Além do que, fica do lado oposto à rampa, portanto, a própria lousa nos ocultará quando Dittmar sair para acordar a condessa e fazê-la dar o seu passeio cotidiano.

—Dittmar? Tem certeza?

—Não pode ser outro, talvez o rosto que você viu seja uma máscara.

—É possível — admitiu ela. — A luz era fraca e não podia reparar em detalhes.

Os segundos pareciam-lhes minutos e os minutos horas. Através da porta aberta da cripta, chegava até eles o som do vestíbulo.

De repente, ouviram um outro som. O de passos no andar superior. O casal ficou em suspense, aguardando. Quem teria entrado no castelo?

Um homem desceu as escadas lentamente. Caminhava com cuidado, uma pistola na mão. O indivíduo chegou perto do caixão e suspirou com alívio. Guardou a pistola, sorrindo, enquanto se inclinava sobre o cristal da tampa.

—Olá, velha avarenta — disse. — Ficou bonita, porém, só de rosto. E além disso, de que lhe serve se está morta? Acreditou, por acaso, nas histórias daquele idiota do Dr. Dittmar?

Escondidos, Katz e Hilda entreolharam-se.

Ambos tinham reconhecido o recém-chegado: era Simpson.

O seu aparecimento ali era surpreendente. No entanto, Katz confiava em que Simpson acabaria por lhes dar as explicações convenientes.

O inglês inclinou-se e começou a tatear com as mãos na base do caixão. Então, ouviu-se uma voz:

—Veio para morrer, Simpson?

Katz e Hilda ficaram estupefatos. De onde vinha aquela voz misteriosa? Simpson ergueu-se, olhando ao redor:

—Quem é?

Sacou a pistola, quando a voz soou de novo:

—Vire-se e abra bem os olhos, porque vai ver como ficará dentro de minutos.

Simpson obedeceu e seus olhos arregalaram-se horrorizados, ante o espetáculo que viam. Hilda colocou a mão na boca para não gritar. As cortinas tinham-se aberto, revelando

o espetáculo dantesco dos quatro cadáveres, sem a máscara branca e com os rostos completamente descarnados e apenas com os olhos.

Simpson continuou apavorado. De súbito, invadido por um pânico descontrolável, voltou-se e lançou-se pelas escadas em busca da saída.

Katz se afastou da coluna, mas tornou a esconder-se quase no mesmo instante. Simpson descia de novo, caminhando para trás, o terror estampado no rosto.

Tinha a pistola na mão, só que parecia ter-se esquecido totalmente dela. Um homem descia a escada, levando em suas mãos um objeto oval e branco, levemente rosado.

Quando já se encontrava novamente no subterrâneo, Simpson lembrou-se da arma. Ergueu a mão e disparou. A detonação soou com estrondo, o homem soltou uma gargalhada que ecoou pelas paredes de pedras da cripta.

—Vamos, dispare — convidou.

Simpson fez várias detonações até esvaziar a arma. O outro continuou de pé, sem dar mostras de sofrer os efeitos dos projéteis.

"Um colete à prova de bala" — pensou Katz.

A pistola soltou-se dos dedos sem força, e o homem atirou-se contra Simpson e colocou o objeto oval sobre o rosto do inglês, que se debateu: só que o agressor era mais forte: com uma das mãos segurava Simpson pela nuca e com a outra apertava o rosto do inglês com o objeto branco.

Katz achou-se no dever de intervir.

Simpson caiu no chão sem sentidos. Katz imaginou que a máscara devia conter narcótico em seu interior. Se o homem ficasse com ela sobre o rosto durante muito tempo, morreria asfixiado.

Ajoelhado, o homem com rosto de gárgula continuava mantendo a máscara sobre o rosto do inglês. Katz saiu do esconderijo, lançando-se contra o assassino.

Hilda gritou, sem poder controlar-se. O homem ouviu o grito, e, surpreso, voltou-se, abandonando sua vítima.

Katz atacou o gárgula, quando este se erguia, usando seu ombro. Mas o outro era forte e levantou-se de novo.

Não obstante, tinha perdido a iniciativa. Katz conseguiu acertar um forte soco em seu queixo, e o homem caiu inconsciente no mesmo instante.

O conservador correu para o inglês tirando-lhe a máscara. As feições de Simpson estavam arroxeadas, mas ele respirava, e o rapaz pensou que logo se recuperaria.

Em seguida, acercou-se do homem caído. Hilda saíra de seu esconderijo, e contemplava a cena, cheia de curiosidade. Katz teve uma suspeita e tentou confirmá-la, passando as pontas dos dedos sobre o rosto do homem. De repente, agarrou o nariz e puxou com força. Era uma máscara. Debaixo estava um rosto..., se é que se poderia chamar assim.

Hilda gritou, apavorada. As feições que surgiram tinham um aspecto muito mais horripilante: estavam cheias de grandes cicatrizes, e em alguns pontos havia buracos tão fundos, que quase podia-se ver os ossos sob a pele.

—O que significa isso? — Perguntou Katz, erguendo-se, desconcertado.

Nesse momento ouviram várias batidas que vinham do caixão. Hilda olhou na sua direção e viu uma das mãos da condessa, golpeando a tampa de vidro.

—Abra, Dieter, abra — gritou.

Capítulo 14

Todo Mistério é Simples Depois de Explicado

Katz abriu a tampa do caixão. Um fundo suspiro brotou do peito da condessa, que tinha os olhos semicerrados.

—Meu amor — sorriu ela — está aqui...

—Condessa...

Ela fez um esforço e Katz precipitou-se para ajudá-la.

O sentimento de Hilda era de assombro. Como era possível uma mulher voltar à vida depois de ter morrido há sete anos?

"Ou talvez não tivesse morrido?" — Pensou.

Ajudada por Katz, Margo conseguiu sair do caixão. Hilda observou que a condessa olhava para o rapaz com expressão apaixonada.

—Como estou feliz, meu amor! — Explicou ela. — Logo estarei bem, rejuvenescida para você, meu querido!

—Condessa, eu... — Katz pigarreou — eu não sou quem está pensando..., meu nome é Dieter Katz.

—Lukas? — Perguntou ela, surpresa — por que quer enganar-me? Não faça isso, eu lhe peço.

O rapaz compreendeu o que se passava na mente de Margo.

—Condessa, eu não sou o Dr. Dittmar — falou.

—Mas... o que fazem esses homens aqui? — Ela pareceu desconcertada. — E essa garota tão parecida...

—Suspeito que ela seja sua neta, condessa.

—É verdade — confirmou Hilda. — Sou filha de Peter Fehling, casado com Adele von Djaronyi, e que a senhora deixou de considerar como filha. Foi um casamento que a senhora não aprovou.

—Peter era um bandido.

—Ele "é" meu pai — falou Hilda, com firmeza.

—Sua mãe sempre foi rebelde — falou a condessa.

—Tinha o direito de ser feliz, e foi. E a senhora é minha avó.

—Não me chame de avó! Você não é... e eu não sou tão velha, sou jovem como você. — Só de rosto, senhora — intrometeu-se Katz.

—Acredita mesmo nisso? — Perguntou Margo, com um sorriso.

E de repente, levou as mãos ao fecho do vestido, abrindo-o e revelando uma túnica finíssima sob o traje, quando este caiu ao chão. A túnica transparente deixava ver o corpo de uma deusa.

—Incrível! — Exclamou Katz, admirado. — Dittmar conseguiu rejuvenescê-la.

—É verdade — confirmou uma voz.

Katz voltou-se. Dittmar tinha coberto o rosto com a máscara novamente.

—A condessa me disse que tinha horror à escuridão da morte — explicou Dittmar em pé — e eu estudara muito sobre soluções à base de células humanas, regeneradoras, das que tinham sido consumidas pela ação da idade. Margo não morreu realmente, embora sua morte tenha sido simulada e também a mumificação. Então, comecei meus trabalhos.

—Mas, seu rosto...

—No rosto encontram-se as células mais ativas. Tive que sacrificar minhas feições para conseguir o rejuvenescimento da condessa. Não foi uma coisa fácil ou rápida.

—Então, você é Lukas — disse Margo.

—Sim — admitiu o médico.

—Sacrificou-se por mim — disse ela, aproximando-se e segurando o rosto do homem com as mãos.

—Eu me apaixonei por você quando á vi jovem, e quis que recuperasse sua juventude.

—E consegui — disse Margo, com um sorriso doce.

—Mas, também à custa de alguns crimes — murmurou Katz. — Vire a cabeça, condessa — ajuntou.

Margo olhou na direção indicada, mas não se alterou.

—Quem são? — Indagou.

—Os que traíram você, Margo — disse Dittmar.

—De cujos rostos, tirou, com certeza, tecidos suficientes para elaborar suas soluções de células rejuvenescedoras — adivinhou Katz.

—Isso mesmo. Foram úteis depois de mortos. Eu não podia usar o meu rosto, minha pele..., então, usei os outros. Afinal, eles a tinham traído. Deviam morrer e servir à minha causa de rejuvenescer Margo.

—Que tipo de traição foi essa?

—Enganaram-na na compra e venda das jóias.

—Venderam todas as jóias? — Interrogou, e Dittmar vacilou. — Acho que há algumas sob o caixão — Katz sorriu, ajuntando. — Quem foi que disse que a condessa gostava de dormir sobre a riqueza?

—Em todo caso essas jóias serviam para pagar os gastos da operação — disse o médico.

—O senhor matava as pessoas com uma agulha grande.

—Eu extraía parte do sangue antes que se coagulassem. Morriam por asfixia — falou o médico, com firmeza. — Eu precisava de sangue também.

—Claro, o senhor já tinha dado muito do seu... e como não queria ser descoberto, os narcotizou...

—Eu só queria que Margo completasse seu processo de rejuvenescimento, que começou com a chegada desses "convidados". Ainda não terminou de todo, precisamos de mais tempo.

—Sete anos não bastaram? — Perguntou Katz.

—É um longo processo. A maior parte desses anos foram somente pesquisas, experiências em cobaias, enquanto mantinha Margo numa espécie de hibernação. Quando vi que o grande momento havia chegado, mandei, ou melhor, Luttel mandou telegramas para todos eles — voltou-se ligeiramente para o cenário com os quatro cadáveres — convidando-os a vir a Margopalast...

—Ah, então foram convidados? — Perguntou Katz.

—Exatamente — o médico sorriu — ou então seria muita coincidência a vinda de todos, não acha?

—Mas o senhor estava falando sobre o processo de rejuvenescimento da condessa — disse Katz.

—Com a "ajuda" deles — referia-se aos mortos — complementei parte do meu trabalho. Porém, os músculos de Margo ainda estão rígidos e ela se cansa ao andar. Dento de um ano se encontrará nas mesmas condições de sua neta.

Katz fixou os olhos na condessa que sorria, satisfeita.

—Agora que sei o que Lukas fez por mim, não me importa o seu rosto. Quando pudermos sair, iremos ver o Dr. Dubmeier e Lukas será belo de novo.

—Devo reconhecer que conseguiu, um verdadeiro milagre — disse Katz, voltando-se para Dittmar. — Todos estes anos trabalhando para restituir a juventude à uma octogenária.

Contei com a discrição da Sra. Ramcke.

—Ela estava a par de tudo? — Perguntou Hilda, admirada.

—Minha fiel Lisa — murmurou a condessa.

—Em parte — respondeu o interpelado. — Providenciava-me tudo quanto eu necessitava. Mas não sabe nada a respeito das mortes.

—Onde fica seu laboratório? — Perguntou Katz.

—Aqui embaixo — Dittmar bateu com o pé no chão. — Faz parte da planta original, não da que Luttel lhe entregou.

—Ah, Luttel... um tipo original que simulou a própria morte e que o senhor estrangulou.

—Luttel queria as jóias e apaixonou-se pela condessa. E ela é minha, só minha — ajuntou, com frieza.

Katz pensou que nenhum dos dois estava em seu juízo perfeito. Um homem de quarenta e poucos anos, apaixonado por uma mulher de oitenta e sete, com rosto e corpo de jovem.

—Com sua máscara assustava as pessoas antes de matá-las — disse Katz. — Inclusive, à alguns enviava fotografias sem rosto e raspava também os mesmos rostos do quadro que a condessa pintara.

—Mereciam! — Exclamou Dittmar, com ódio.

—Foi o senhor que me colocou no caixão? — Indagou Hilda.

—Não, foi Luttel. Viu o caixão vazio e pensou que tínhamos partido. Contou-me, antes de morrer, que não queria perder a condessa e por isso colocou a senhorita em seu lugar.

"Outro louco" — pensou Katz.

—Então — falou alto — Luttel descobriu a existência de Hilda e lhe ofereceu o cargo de secretária.

—Sim — confirmou o médico — viu a moça quando viajou a Wuppertal e escreveu-lhe em seguida.

Nesse momento, ouviu-se uma voz ameaçadora:

—Acabou-se o falatório: será melhor que levantem as mãos.

Katz voltou-se. Simpson estava em pé, com a pistola na mão.

— Está descarregada — disse Hilda.

—Esqueceram-se que tenho cartuchos extras. Vamos, afastem-se. Há uma fortuna em jóias sob esse caixão!

Houve uma pausa. Dittmar ignorou as ameaças e atirou-se contra o inglês. Soou um tiro. A bala alcançou Dittmar no pescoço. Margo afastou-se, encostando-se à parede de pedra, ante a luta de morte que se travava naquele recinto, onde parecia que imperava a própria morte.

Embora ferido, o médico continuou lutando. A pistola fez um novo disparo.

Ouviu-se um gemido. Margo levou as mãos ao peito, onde surgira uma mancha vermelha, que começou a crescer.

Dittmar caiu. Por um momento Simpson mostrou-se aturdido pelos acontecimentos que provocara e Katz aproveitou a chance para desarmá-lo de um só golpe. Atingiu-o de novo, prostando-o sem sentidos.

Hilda, olhos esbugalhados, mantinha-se colada à parede. Margo acercara-se do caixão e apoiava-se nele com uma das mãos.

—Ajude-me, quero voltar... para cá... —pediu.

Katz ajudou-a a deitar-se. Margo lhe dirigiu um último olhar e um sorriso.

—Adeus... meu amor... agora, para sempre.

Soltou um longo suspiro, fechou os olhos e ficou imóvel. Hilda chorava. Katz aproximou-se e empurrou-a com suavidade.

—Vá lá para cima, por favor.

Ela obedeceu. Katz acercou-se do caixão e procurou a mão esquerda de Margo. Não havia pulsação. Ele baixou a tampa de vidro e trancou-a. Então reparou no inconsciente Simpson. Os cordões da cortina serviram para amarrá-lo até a chegada do cabo Piver.

Epílogo

—As jóias estavam no caixão — disse Katz. — Agora pertencem a seus pais, como Margopalast.

—Eu queria que ela vivesse — disse Hilda.

—Talvez tenha sido melhor assim, não se esqueça que Margo era uma aberração e cinco crimes foram cometidos. Ela fatalmente seria acusada de cumplicidade...

—Mas, era inocente...

—Não sabemos, Hilda. Se imaginarmos que sete anos nestas circunstâncias, chega a ser uma eternidade, é difícil conceber tudo quanto aconteceu neste castelo. É por demais fantástico.

Katz fez uma ligeira pausa e continuou:

—Todos os conhecimentos de Dittmar foram para o túmulo com ele. Um cientista notável e que, certamente, teria dado uma grande contribuição à humanidade se tivesse agido de outro modo...

— Dittmar estava loucamente apaixonado pela condessa.

—Um paradoxo, percebe? Um sentimento digno deturpado pelos crimes que cometeu. Seus estudos não justificam esses assassinatos e uma trapaça de venda de jóias.

—Agora vou ter que partir — suspirou ela. — Vai ficar aqui?

—Se seus pais me derem o emprego...

—A herdeira sou eu, de acordo com o testamento — sorriu ela.

—Oh... bem, a decisão é sua.

—Fique — disse ela, colocando a mão sobre a do rapaz. — Não vou ausentar-me por muito tempo — assegurou com um sorriso.

Katz sorriu também. Margopalast seria um lugar muito diferente do que fora até ali. Através das janelas entravam raios de sol. O céu estava sem nuvens.

O cabo Piver subiu do subterrâneo, acompanhado de um dos seus auxiliares e do prisioneiro.

—Quem disse que a condessa tinha conseguido rejuvenescer? — Perguntou, com seu tom cético.

Katz e Hilda trocaram um olhar, e como impelidos por um mesmo impulso, correram para a cripta. Chegaram junto ao caixão. Suas exclamações de assombro soaram ao mesmo tempo.

Debaixo da tampa de vidro havia uma mulher muito velha, com o rosto enrugado e o cabelo escasso, completamente branco.

Houve um longo silêncio. Então, Katz segurou a garota pelo braço e empurrou-a para a escada.

Ao sair do subterrâneo, apagou a luz.

FIM